

pentagrama

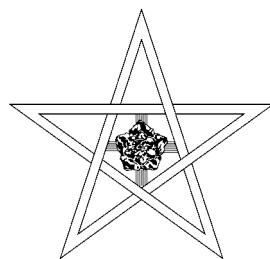
Lectorium Rosicrucianum

M O R T E A L Q U Í M I C A



- jung, cura e alquimia
- receitas alquímicas • george mead II

2015 | NÚMERO 2



Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno vir-a-ser, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração. A revista **pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

Edição

Rozekruis Pers

Redação Final

Peter Huijs

Redação

Kees Bode, Wendelijn van den Brul, Arwen Gerrits, Hugo van Hooreweeghe, Peter Huijs, Hans Peter Knevel, Frans Spakman, Anneke Stokman-Griever, Gerreke Uljée, Lex van den Brul

Diagramação

Studio Ivar Hamelink

Secretaria

Kees Bode, Gerreke Uljée

Redação

Pentagram

Maartensdijkseweg 1

NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos

e-mail: info@rozekruispers.com

Edição brasileira

Pentagrama Publicações

www.pentagrama.org.br

Administração

Pentagrama Publicações

C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP

livros@pentagrama.org.br

Publicação digital

Acesso gratuito

Responsável pela Edição Brasileira

Adriana Ponte

Coordenação, tradução e revisão

Adriana Ponte, Emanuel Saraiva, Leonel Oliveira, Rossana Cilento, Amana da Matta, Denison de Sá, José de Jesus, Marcia Moraes, Marlene Tuacek, Mercês Rocha, Neusa Solis, Rafael Albert, Ellika Trindade, Fernando Leite, Francisca Luz, João Batista Ponte, Lino Meyer, Luis Alfredo Pinheiro, Marçilio Mendonça, Roquefêlix Luz, Urs Schmid

Diagramação, capa e interior

Dimitri Santos

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP

Tel. & FAX: (11) 3208-8682

www.rosacruzaura.org.br

info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Praça Anônio Sardinha, 3A (Penha de França) 1170-022

Lisboa

lisboa@rosacruzaura.org

portugal@rosacruzaura.org

A revista Pentagrama é publicada seis vezes por ano em alemão, inglês, espanhol, francês, húngaro, holandês e português.

Ela é publicada apenas quatro vezes por ano em búlgaro, finlandês, grego, italiano, polonês, russo, eslovaco, sueco e tcheco.

© Stichting Rozekruis Pers

Proibida qualquer reprodução sem autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

pentagrama

ano 37 2015 número 2

Com certeza, para morrer, precisamos ter uma “coragem que vem de fora”; e, para viver, necessitamos de uma “coragem que vem de dentro”. Certamente, também é mais fácil morrer pelas próprias opiniões do que viver de acordo com elas.

Mas ainda não há um consenso quanto a pensar que a verdadeira vida consiste em duas partes, pois viver significa mudar, evoluir e se transformar a cada dia. Inclusive morrer: o pagamento da vida é feito com o resgate da morte. Quando penetramos a sabedoria, ou melhor, quando nos fundimos com ela, quando a abraçamos, a paisagem sofre uma mudança de 180 graus.

A partir desse momento de tomada de consciência, cada dia é preenchido pela grandeza da interioridade. Logo somos trespassados por ondas de alegria, compreensão e serviçabilidade. Viver e morrer passam a ser como inspirar e expirar.

E a partir desse momento, percebemos que a pressão que sentimos existe para fazer de nós observadores mais perspicazes, mais fortes e mais valiosos. E, por mais incrível que isso possa parecer, as circunstâncias presentes nos oferecem a melhor oportunidade para dar o próximo passo: então, nos dispomos a colaborar, do fundo do coração e da alma, seguindo harmoniosamente a corrente da vida. Era assim que os alquimistas clássicos compreendiam a vida. Era assim que eles praticavam sua Arte e observavam atentamente os processos ligados à perfeição da tintura.

Esta edição traz a transcrição dos textos do simpósio Morte Alquímica, realizado em outubro de 2014, no Centro de Conferências de Noverosa, na Holanda. O ponto de partida foram as receitas alquímicas do livro de Thom F. Cavalli *Alchemical Psychology. Old recipes for living in a new world* (Psicologia Alquímica - velhas receitas para se viver em um mundo novo) de 2002. Algumas delas estão impressas nas páginas desta revista – gravadas em ouro!



Capa: Esboço do pé de uma mulher adormecida e uma criança deitada, Cornelis Schut (I), 1618 -1655

símbolos portadores da verdade 3

**morte alquímica: separar e unir,
morrer e vir a ser 6**

**a cura pela transformação,
cura e alquimia segundo
Carl Gustav Jung 12**

**consolo, força, benignidade,
experiências compartilhadas
com cuidados de pacientes
terminais 22**

a montanha do espírito 27

as alças de jade 30

**a redescoberta da gnosis II,
george stowe mead, o primeiro
gnóstico moderno 34**

**libertar-se do pensamento
racional 38**

**imagens do mundo: receitas
alquímicas 2, 10, 11, 20, 21, 26,
43, 44**



A SEXTA RECEITA. Semeai vosso ouro em terra branca purificada

Semear é um ato simbólico, é uma intervenção ritual na natureza terrestre com a finalidade de favorecer seu processo de reprodução. As sementes áureas espalhadas são portadoras de energia espiritual rica em possibilidades de transmutação. Semear faz parte dos arquétipos presentes em nosso imaginário e que estão profundamente ancorados em nossa consciência. Esse gesto representa a ação de curar que, fundamentada na correta atitude interior, traz resultados que valem ouro. Antes de qualquer coisa, é preciso purificar a terra (*prima materia*) onde se semeia. Esse processo de saneamento é a busca do equilíbrio, obtido quando se enxerga além do mecanismo dos incessantes desejos, pensamentos e ligações emocionais, que turvam a consciência e prendem à Terra. Semear é também um ato de oferenda, de oblação; é a crucificação do eu inferior. Ao longo do processo de calcinação, a terra negra, correspondente ao sal, torna-se branca pelo fogo do enxofre e se transforma em cinzas brancas.

A cinza é da terra negra, desintegrada, refinada, tornada pura brancura. As cinzas constituem o terreno nutritivo favorável à semeadura do ouro. Essas cinzas nos conduzem à transição correspondente à fase *albedo* na qual, mediante a ação espiritual do semeador, que é Mercúrio, a cinza branca é transmutada em ouro.

símbolos portadores da verdade

A verdade não veio nua ao mundo, mas veio em modelos e imagens. O mundo não receberá a verdade de qualquer outra forma. Há um renascimento e uma imagem do renascimento. Certamente é necessário nascer outra vez por meio da imagem. Qual delas? A ressurreição. A imagem deve levantar-se outra vez por meio da imagem. A câmara nupcial e a imagem devem entrar na verdade através da imagem: isto é a restauração.

O Evangelho de Filipe, v. 55

Em seu livro *A linguagem secreta dos símbolos*, David Fontana destaca o caráter universal dos símbolos e da sabedoria que eles ocultam. Eles não seriam meros fenômenos relacionados à cultura. Menos explícitos que a linguagem em si, eles se dirigem a um aspecto diferente e mais profundo no homem. Esse aspecto não é nem unívoco nem superficial; ele se situa num estrato mais profundo. É por essa razão que os símbolos incitam o homem a certa autoatividade de importância essencial na alquimia da vida. A Escola Espiritual possui um tesouro de conhecimentos, uma rica biblioteca que não deve permanecer sem uso e empoeirada. Ao mesmo tempo, estamos na véspera, se não exatamente no centro, da realização da Sophia, a sabedoria, o pensar da alma. Ora, os símbolos podem participar do despertar da Sophia, pois figuras e símbolos nos ajudam a nos aproximar da verdade. As gerações de pensadores esclarecidos que nos precederam, e cujos textos nos inspiram ainda hoje, advertem-nos há séculos que “não

é o homem – esse caos de paixões, desejos, pensamentos e vontade – que está em condição de esclarecer o homem, mas é a verdade que o esclarece...” “É muito simples,” diz Von Eckartshausen, “Deus é amor, e amor nada é senão fazer o bem ao próximo. A razão pode alcançar a compreensão do bem quando busca os mistérios da verdadeira religião e se deixa inspirar por Cristo.” O olho, então, adquire maior acuidade e aprende a discernir o significado das imagens que querem chamar nossa atenção sobre o mundo. Eckartshausen prossegue: “Essa inspiração é sinal de que nos aproximamos do templo interior. Somente o amor religa o homem ao homem, e onde ele desaparece, onde ele não pode ser encontrado, o homem torna-se o carrasco do homem”. No popular livro de John Green *A culpa é das estrelas*, um pai cuja filha é portadora de uma doença mortal explica que estamos “sempre ocupados em alcançar nossa imortalidade”. Com isso, ele quer dizer que “queremos deixar um rastro, uma prole, uma filosofia ou algo que

Um semeador causa uma transformação, contribui para ela. Ele torna a colheita possível

testemunhe que passamos por aqui, de modo que o universo não se esqueça disso – como nas árvores em que foi gravado: ‘fulano esteve aqui’. Mas é precisamente do universo que se trata! Nós, você ou eu, não devemos ser conhecidos, mas sim o universo: é ele que deve ser conhecido por nós”. E ele prossegue: “Creio que o universo tem uma ligeira preferência pela consciência, e recompensa a inteligência que sente prazer em observar sua elegância”. Ao mesmo tempo, é preciso notar que não cabe a nós, peças de reposição da história do universo, acreditar que o universo é apenas transitório. Finalmente, tudo no universo serve para revelar à humanidade que ela é um detalhe de um grande prodígio e como ela pode, de forma consciente, realmente fazer parte dele.

Os símbolos e imagens que nos religam a essa sabedoria superior propõem, portanto, que sejamos figurantes ativos. Podemos aprender a ler, a interpretar esses símbolos e imagens. Assim, com base em nossa atitude dinâmica, é estabelecida uma ligação. O exemplo a seguir pode ilustrar esse fato: durante uma apaixonante reunião em Noverosa, vários grupos estudaram um tesouro de imagens provenientes do mundo da alquimia, dentre as quais havia a

representação de um semeador espalhando seus grãos de ouro em terra revolvida, arada, enriquecida de cinzas brancas.

Poderíamos ver nessas cinzas brancas o homem que, tanto quanto lhe seja possível, efetua um trabalho sobre si mesmo. A terra representa sua personalidade, e as cinzas da matéria, a antiga energia que lhe permite viver, retornar ao ponto de partida. Como figura alquímica, a matéria comporta frequentemente temas inspirados na jardinagem. Ao longo dos bosques e campos, o alquimista observa a natureza na esperança de desvendar seus segredos. É notório que, desde há muito, o conhecimento que o alquimista tenta acumular diz respeito ao conhecimento superior, a uma verdadeira consciência. As imagens, se bem que sempre estáticas, referem-se aos processos dinâmicos do ciclo da vida. O objetivo dos alquimistas sempre foi o conhecimento da natureza, a busca de Deus por meio da natureza. Além disso, os rosa-cruzes clássicos tinham por axiomas: primeiro, o estudo das santas escrituras; segundo, observar a obra de Deus na natureza; e terceiro, a prática do amor ao próximo para alcançar a sabedoria autêntica. Voltemos à imagem do semeador espalhando seus grãos de ouro na terra cuidadosamente

preparada. O ouro representa o aspecto mais elevado que se pode alcançar, o mais precioso. Ao mesmo tempo, esse símbolo chama a atenção para o fato de que, para fazer ouro, é preciso primeiro tê-lo. O semeador é o símbolo do homem, que é o intermediário indispensável para ascender a um desenvolvimento superior. Um semeador sacrifica o que lhe é mais caro e, por seu gesto, provoca uma transformação, contribui para tornar a colheita possível. Com efeito, a farinha é mais que o grão, do mesmo modo que o pão assado é mais que a farinha. Quanto às cinzas, devido ao fato de representarem a extinção, elas simbolizam o homem que, em seu desejo ardente de se unir ao original, ao Espírito, depois de ter atravessado a mais profunda das crises, alcança a pureza absoluta. O ouro é semeado na terra preparada, e a cinza representa o processo de purificação que, uma vez iniciado, é irreversível. De fato, a cinza já não pode produzir fogo nem tornar-se madeira. Assim se desenvolve a compreensão dos profundos e irreversíveis processos aos quais somos ligados e, muitas e muitas vezes, religados.

Se vocês compreenderam bem, se observaram o caminho da Escola desde o início, trata-se de uma situação irrevogável. As figuras permitem que a compreensão, o entendimento, penetre mais profundamente. Em sua obra *Psicologia Alquímica*, Thom Cavalli explica que a alquimia é a primeira tentativa de transformação da consciência mediante a experiência

pessoal, ou experimentação. Há muito tempo a alquimia não encontra espaço nos laboratórios, mas sim na vida cotidiana. Cavalli acrescenta que a tarefa consiste em velar pela boa definição da alquimia – que, segundo ele é: viver. É então que faz sentido a citação que destacamos, extraída do *Evangelho de Filipe*: “A verdade não veio nua ao mundo, mas veio em modelos e imagens. O mundo não receberá a verdade de qualquer outra forma. Há um renascimento e uma imagem do renascimento. Certamente é necessário nascer outra vez por meio da imagem. Qual delas? A ressurreição. A imagem deve levantar-se outra vez por meio da imagem. A câmara nupcial e a imagem devem entrar na verdade através da imagem: isto é a restauração”.

Karl von Eckartshausen restabelece a relação entre a verdade e o amor. Pelo fato de aproximarmos símbolos e figuras, começamos a discernir. Sim: ao nos aprofundarmos, nos aproximamos da verdade. Nessa verdade está oculto o amor. Digamos que, ao nos aproximarmos do universo para conhecê-lo, estamos em busca da verdade. Isso é realmente lógico porque, desse modo, não colaboramos apenas com nossa razão, mas com nosso sistema inteiro. Portanto, são três que atuam: a verdade, a vida, o amor. A vida deixa transparecer a verdade e nos permite conhecê-la. Nessa verdade, reencontramos o amor e compreendemos o que ele torna possível. Assim, nesse ternário, nenhum deles é superior aos outros dois. ❀

a morte alquímica: separar e unir, morrer e vir a ser

Alguns conceitos alquímicos são baseados em processos de transformação puramente físicos. Assim, nessa ciência mais tarde tão difamada, a tríade bem conhecida “espírito-alma-corpo” relaciona-se aos elementos materiais enxofre, mercúrio e sal. O enxofre é inflamável e volátil, o mercúrio é tanto líquido como gasoso, e o sal tanto é sólido quanto solúvel. Essa tríade preside praticamente todos os processos de criação da vida.

A TRÍADE NO HOMEM MICROCÓSMICO No microcosmo, ela se acha tanto no processo de criação quanto no de recriação. Podemos esboçar esse processo da seguinte maneira:

- Primeiro: o espírito, o impulso espiritual que outrora fez inflamar no microcosmo a centelha do espírito, faz que ela se reacenda (enxofre);
- Segundo: a transmutação da alma que, em resposta a um impulso espiritual, sofre uma completa mudança (mercúrio);
- Terceiro: conseqüentemente, o corpo se submete, por sua vez, a uma transformação absoluta (sal).

Se formularmos o que foi dito acima em termos de psicologia alquímica, poderemos dizer que seria necessário retornarmos à inconsciência (chumbo), com base numa aparente consciência (cobre), para alcançarmos, em seguida, a pura consciência da alma (prata) e, daí, chegar à pura consciência espiritual (ouro). Tudo isso é assim expresso em termos alquímicos: o chumbo (*fase nigredo*) deve ser transmutado na pura alvura da

prata (*fase albedo*) com o objetivo de ser transformado em ouro (*fase rubedo*). Segundo Jung e Cavalli, *nigredo*, *albedo* e *rubedo* são três etapas do processo de individuação, e seu objetivo principal é a integridade psíquica.

NIGREDO No decorrer da *fase nigredo*, na qual todas as aparências opacas (cobre) são desmascaradas, caímos como chumbo diretamente na força da gravidade. O alquimista realiza a dissolução a fim de reduzir tudo a uma *massa confusa*, uma matéria primordial bruta e caótica, pronta para ser transmutada. Esse é um estado que, no plano psicológico, corresponde ao abandono da posição central do eu, que até esse momento dominava toda a vida interior: um estado no qual as forças obscuras da vida ainda inconsciente da alma ameaçam tomar a direção do sistema. Somente o conhecimento de si mesmo permite atravessar com toda a segurança essa situação tão perigosa. Esse conhecimento não é um saber puramente intelectual, mas sim a profunda tomada de consciência interior segundo a qual ainda não estamos preparados para agir no mundo do inconsciente reprimido.

ALBEDO Uma vez passada a *fase nigredo*, a *fase albedo* fará resplandecer uma luz sobre a *prima materia*. Assistimos a essa aurora do espírito somente após uma total *separatio*, a qual requer a aplicação do conselho hermético de separar amorosamente o que é denso do que é sutil: “separe com amor, grande discernimento e

Para termos uma ideia do que é a morte alquímica, vamos mergulhar na psicologia alquímica, que um grupo de médicos do Lectorium Rosicrucianum estudou intensamente durante dois anos. O ponto de partida era a obra extremamente inspirada *Alchemical Psychology – Old Recipes for Living in a New World* (Psicologia Alquímica - velhas receitas para se viver em um mundo novo), de Thom Cavalli



Deus dorme na pedra, sonha na planta, move-se no animal e desperta no homem!

sabedoria, a terra do fogo, o sutil do grosseiro, denso e sólido. Da terra, ele sobe para o céu, e de lá, retorna à terra, levando em si mesmo a força do que está em cima e a força do que está embaixo”. Somente quem, de forma radical, estabelece em si mesmo a distinção entre o eu e o não-eu, o finito e o infinito, pode colocar um fim a toda essa confusão. O que Jung chama o funcionamento da *anima* é o desenvolvimento da Sophia – ou seja, a pura atmosfera da alma (feminina) que está envolvida por sua veste de luz. A alma natural, obscura, privada de luz, é transformada em uma alma consciente irradiante. Do mesmo modo que a clara estrela da manhã anuncia o dia, ela também anuncia a sua ascensão. Por esse método, desaparecem todas as representações imaginárias, de modo que as contradições são sobrepostas, transcendidas. Em linguagem simbólica, o *lapis philosophorum* (a pedra filosofal) é a ferramenta indispensável para a preparação do ouro espiritual.



RUBEDO Essa preparação finalmente acontece durante a *fase rubedo*, a última da obra alquímica, que é a do ouro avermelhado. Não é o ouro comum, mas sim o ouro do espírito, que agora pode novamente se expressar, tomar corpo na matéria. Assim, o sangue inicialmente vermelho escuro toma a cor do ouro. Durante a *fase albedo* o movimento era voltado para o alto, numa subida da consciência–eu para a consciência da alma. Agora é o inverso: o espírito desce para a alma: “... retorna à terra, levando em si mesmo a força do que está em cima e a força do que está embaixo”. Na visão da alquimia, a figura de uma criança desce até o túmulo aberto, onde repousa o hermafrodita, e o desperta para a nova vida. Assim, a alma renasce no Espírito e a

matéria bruta, enobrecida, transforma-se em ouro. Com base nesse ponto de vista, a morte alquímica significa sempre uma nova vida. Pelas três transformações, abre-se uma possibilidade totalmente diferente da morte que põe fim à vida natural. Essa possibilidade é chamada por Paulo de “morte diária”.

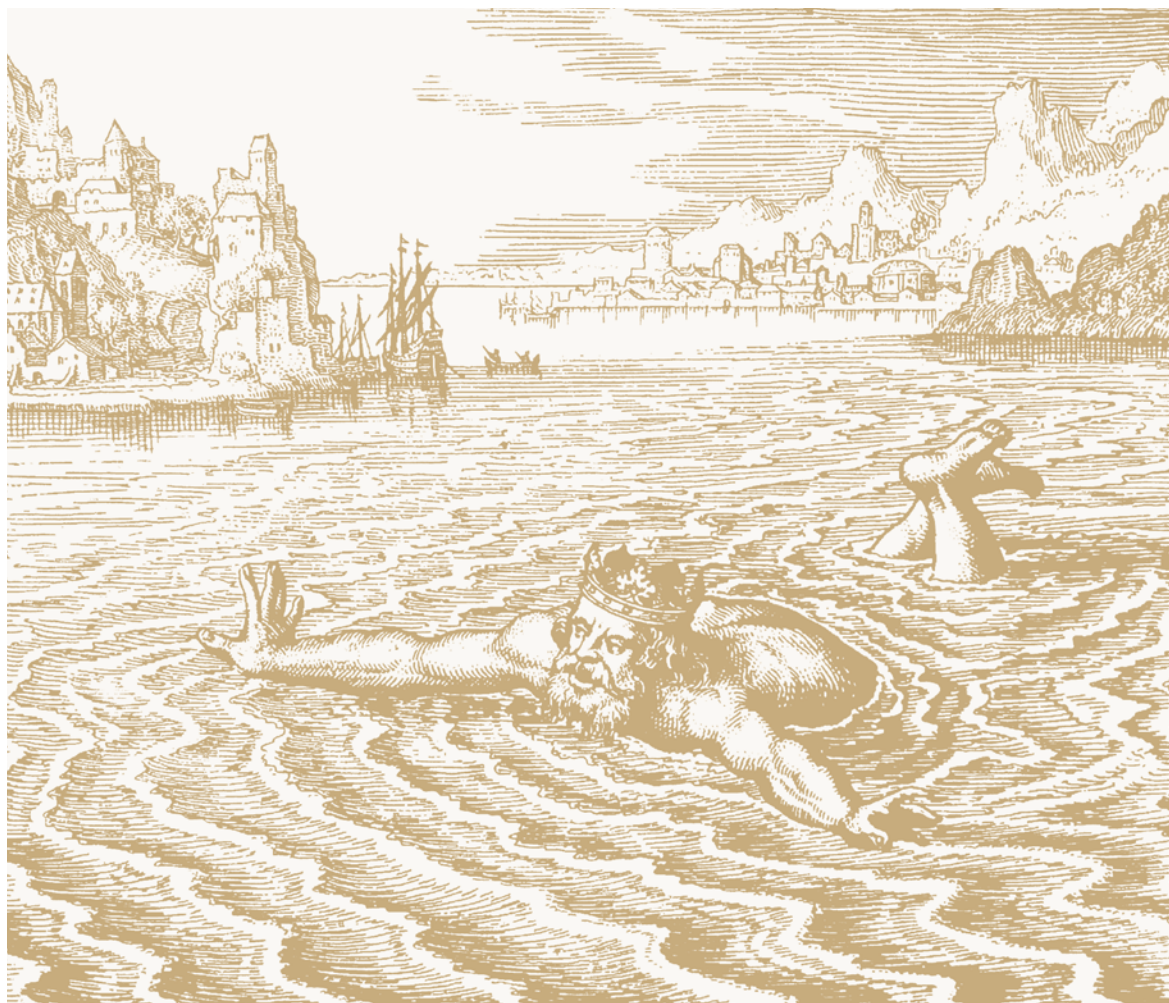
MORTIFICATIO Aí está a chave não somente para a individuação ou renovação psíquica de si mesmo, mas, além disso, do processo espiritual de renovação da vida: a transfiguração. Por



Thom. F. Cavalli é um terapeuta junguiano da Califórnia, autor de inúmeras conferências e publicações sobre alquimia. Libertando-a da poeira das estantes e de suas características um tanto ridicularizadas, ele recoloca essa arte e essa ciência esquecida bem no centro da vida cotidiana fazendo a seguinte pergunta: “O que significa a alquimia para nós, nos dias de hoje?” Seu livro *Psicologia Alquímica - velhas receitas para se viver em um mundo novo*, de 2002, traz inúmeros e sólidos significados para as pessoas que buscam discernimento e querem aplicar em sua vida a Arte Real da vida consciente.



isso, não é de se espantar que os alquimistas atribuam tanta importância ao *mortificatio*. Ao morrermos a cada dia, vencemos o caráter absoluto e obrigatório da morte – pelo menos a morte compreendida como um fim absoluto, vista como um caminho sem saída. Como a vida e a morte se transformaram, entramos em uma nova dimensão, em um novo campo de vida. Como conseguiremos fabricar o ouro se não estivermos preparados para nos desfazer do cobre, de falso brilho, ou do chumbo pesado, cinzento e embaçado? Essa compreensão nos leva ao desapego, ao abandono de toda e qualquer forma esclerosada – e, assim, nos confiamos ao derradeiro processo da vida. ☸



A SEGUNDA RECEITA. Dilui a matéria em sua própria água.

Funde o consciente e o inconsciente

O rei (o ego) está no limite entre o ar (o que é consciente) e a água (o que é inconsciente). A cabeça se encontra sobre a água (o pensamento é livre); o coração está logo abaixo da superfície da água (as emoções emergem do inconsciente) e a pélvis (as tensões magnéticas que nos ligam ao passado) encontra-se mais ao fundo. Flutuando, o rei se afasta do mundo. Ele está com as palmas das mãos para os lados (fora do mundo), os braços abrindo-se em forma de cruz (simbolizando a entrega). As pernas estão cruzadas (atitude de não abertura, fechamento). O pensar, o sentir, o querer, centrados no eu, se dissolvem na água. O consciente e o inconsciente tornam-se Um, o que gera conhecimento de si e consciência de si. Podemos fazer um paralelo entre esta imagem alquímica e o capítulo A Primeira Hora, do livro *Nuctemeron*, de Apolônio de Tiana, comentado por J. van Rijckenborgh.



A TERCEIRA RECEITA. Sê vigilante, até mesmo dormindo

No anfiteatro da sabedoria eterna, a imagem ilustra os diferentes níveis de existência.

À esquerda, o mundo da cabala, o mundo divino; à direita, o mundo da alquimia e o mundo terrestre. Entre o celeste e o terrestre, encontra-se uma mesa de altar, sobre a qual estão quatro instrumentos musicais e diversos instrumentos de medida utilizados na prática da alquimia: é a expressão simbólica do valor da música. A música sacra consola a tristeza e afasta os espíritos malévolos; no coração repleto de alegria piedosa, o espírito divino canta seus salmos. Esta é a primeira magia divina pela qual o alquimista se interessa. Em seu laboratório, ele ora ajoelhado diante de um tabernáculo onde se encontram as seguintes inscrições:

– Feliz daquele que segue os conselhos de Deus.

– Não discurses sobre Deus antes de alcançares a iluminação.

– Se executares teu trabalho de maneira justa, Deus sempre virá em teu auxílio.

Trata-se da alquimia, mas também da cabala – uma cabala cristã que nos introduz a três domínios: o da magia, o da magia natural e o da magia sobrenatural. São os domínios do corpo, da alma e do espírito. Ao considerarmos o homem como ser espiritual, os instrumentos tomam outra dimensão. Eles se referem à fé em total harmonia com o universo; à maneira de reconhecer a si mesmo nesse universo divino; à maneira como o homem pode escolher trabalhar no cosmos natural e com base nele, a fim de que a ele se abra o mundo divino.

a cura pela transformação

“É importante que eu não me encontre de mãos vazias no final da minha vida.” Foi assim que C. G. Jung resumiu sua busca pelas razões de viver e de morrer. Esse caminho de pesquisa conduz ao discernimento, à inspiração e pode influenciar quem reflete sobre a morte, a vida e a maneira de acompanhá-las.

Hoje, ao invés de falar de morte, preferimos falar de “fim da vida”. Escolhemos, assim, nos esquivar, com um eufemismo, da dura realidade de um processo inerente à própria vida. De fato é compreensível, uma vez que nossa sociedade vê a morte como o termo definitivo da existência, dentro de um contexto material, biológico, global e social. Ora, em sua essência, a morte comporta uma renovação, no sentido mais amplo, multidimensional: físico, bioquímico, energético, psíquico, cósmico e eventualmente espiritual. A morte está presente em todos os níveis de vida. É um dado universal, ou seja, arquetípico, profundamente enraizado na estrutura de toda forma de ser. Esse modelo foi explicado pela primeiríssima vez num ramo da psicologia arquetípica

UMA COURAÇA QUEBRADA POR FREUD

O conceito de arquétipo apareceu na obra do médico e psicólogo Carl Gustav Jung. Portanto, primeiro devemos relatar como ele tomou consciência disso. Depois virão os elementos utilizados mais especificamente pela *Psicologia Alquímica - velhas receitas para se viver em um mundo novo*, título da obra de

Thom F. Cavalli, psicólogo junguiano – que justifica o caminho tomado por C. G. Jung. Devemos observar que é especialmente no meio do mundo médico, mais que no da filosofia e da religião, que o olhar sobre vida e morte mudou radicalmente. Para isso, o mundo médico teve de quebrar sua couraça reducionista. Isso coincidiu com o apogeu da ciência, às vésperas do século 20. Freud, como neurologista, e seus discípulos foram os primeiros a lançar um novo olhar sobre os desvios psicogênicos. Eles se recusaram a ver as causas exclusivamente nas doenças endógenas. Então, começaram a falar de curas, projeções, fixações, neuroses, mecanismos de defesa, regressão, relações de transferência: havia nascido o pensamento energético! Uma de suas leis fundamentais era a manutenção da energia. O que desaparece, aqui, dizia Freud, ressurge acolá, já não na consciência, mas no inconsciente, ou vice-versa, de modo que, no final, nada jamais se perde.

O INCONSCIENTE COLETIVO Pouco tempo depois, Jung, sendo um discípulo muito crítico de Freud, desenvolveu mais profundamente essa visão energética. Ele se livrou

CURA E ALQUIMIA SEGUNDO CARL GUSTAV JUNG



da teia de fundo racionalista e personalista, o que levou a novos conceitos: o inconsciente coletivo e sua estrutura arquetípica. Jung demonstrou que todos os processos de mudança relativos à cura tinham sua fonte nesse campo psíquico matricial. Ele tinha boas razões para dar a seu livro (que devia selar sua ruptura com Freud) o título de

Metamorfose da alma e seus símbolos, traduzido posteriormente para o inglês sob o título de *Symbols of Transformation*. Segundo Jung, os processos inconscientes carregam um potencial de renovação da vida, que é caracterizado por uma primeira fase de declínio ou de morte seguida por uma fase de renascimento e de regeneração. Parece que estava escrito



Surgido em fac-símile em 2010, o famoso *Livro vermelho* é o diário pessoal de Jung, extremamente profundo e ricamente ilustrado por ele mesmo

nas estrelas que cedo ou tarde Jung reencontraria o caminho da alquimia!

A FLOR ÁUREA E A CRISE EXISTENCIAL Na época em que trabalhava no citado livro – entre 1911 e 1912 –, Jung fundamentou sua nova teoria referindo-se sobretudo às religiões naturais primitivas, ao pensamento e à sabedoria dos mistérios antigos, o que, de qualquer modo, levou-o à conclusão de que a cura viria depois da travessia de uma crise, de um período de transição no qual as antigas estruturas simbólicas tivessem sido dissolvidas, para que as novas pudessem ser constituídas. Para Jung, esse não era apenas um conceito teórico, uma vez que ele mesmo passou, pouco depois, por uma profunda crise existencial. Seria por acaso que essa crise coincidiu com a declaração da Primeira Grande Guerra? Pouco depois, ele entrou num estado psicótico. No momento mais agudo de sua crise, ele conservava em sua mesa de cabeceira um revólver, caso o sofrimento se tornasse insuportável. Há aproximadamente cinco anos surgiu *O livro vermelho*, o diário pessoal de Jung, ilustrado de próprio punho, no qual ele fala sobre essa crise e a explica. A causa de ter parado de escrever seu diário no final de sua vida foi a descoberta do mundo alquímico, rico em imagens e figuras. Essa descoberta remonta a 1928, quando Richard Wilhelm lhe confiou a redação do prefácio de sua tradução do livro *O segredo da flor áurea*. Esse tratado alquímico

de origem taoísta descreve a realização do estado de imortalidade sob a forma da eclosão de uma flor de ouro. Essa flor só pode crescer quando a luz circula em seu interior. Em termos psicológicos, poderíamos dizer: quando voltamos nossa atenção perseverantemente para nosso interior.

PARACELSO De fato, muito tempo antes, Jung já havia tomado conhecimento da alquimia ocidental na obra pioneira do psicanalista vienense Herbert Silberer. Depois de romper com Freud, Silberer cometeu suicídio. A obra de Silberer faz jus ao título: *Probleme der Mystik und ihrer Symbolik* (1914) (Problemas do misticismo e de sua simbologia), sobretudo quando a tradução inglesa acrescenta: “e das artes ocultas”. O autor se baseia numa velha história, Parábola, extraída das *Figuras secretas dos rosa-cruzes*, livro que se assemelha fortemente às *Núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz*. Jung descobriu a alquimia e foi marcado pelo resto de seus dias. Mencionemos também que Jung era originário dos arredores de Basileia, na Suíça, cidade onde Paracelso nasceu. O avô que deu o sobrenome a Jung – e que dizem ter sido filho ilegítimo de Goethe – ocupara o alto cargo de reitor da universidade de Basileia. Jung sentia uma ligação de parentesco com o genial Teofrasto Paracelso que, como ele, havia rompido radicalmente com a medicina orgânica de Galeno e que, além disso, introduzira a visão alquímica no mundo médico. No

início dos anos 1940, Jung realizou uma série de discursos comemorativos, que agrupou sob o título de *Paracelsica* e que mais tarde ressurgiu com o título de *Estudos alquímicos*. Rapidamente seguiram-se outros livros como *Psicologia e alquimia* e *Psicologia da transferência*, sendo este último um comentário do *Rosário dos Filósofos*, no qual há uma imagem representando um casal nu em uma banheira e outra de um hermafrodita alado saindo de sua tumba – duas imagens que se tornaram muito conhecidas devido à capa de um antigo disco de vinil de Leonard Cohen.

MUDANÇA INTERIOR Jung terminou seu estudo sobre alquimia entre 1955 e 1956, em sua monumental obra de três tomos *Mysterium Coniunctionis*. Com a ajuda notória de sua colaboradora Marie-Louise von Franz, ele esclarece todo o tratado *Aurora Consurgens*. Também nessa obra ele não ignorou os símbolos que aparecem nas *Núpcias alquímicas*. Observamos em *Mysterium Coniunctionis* uma mudança de visão quanto à busca da pedra filosofal. Daí em diante, ele considera de modo diferente a preparação do elixir da vida. Já não se trata simplesmente, a seu ver, de um processo de ordem material. Jung foi um dos primeiros cientistas a afirmar que essa prática exigia certa atitude do alquimista: estar disposto a uma transformação interior. Ademais, ele considerava que muitas operações sobre a matéria primordial – a *solutio*, a *sublimatio*

e outras como a *mortificatio* (a decomposição total), que ele menciona de bom grado – eram fases que poderiam dizer respeito a uma transformação dos próprios alquimistas. Com base nessa visão das coisas, Jung penetrou a opacidade de muitas descrições que encontramos nos velhos tratados alquímicos. Ele formou uma biblioteca pessoal para anexar suas próprias interpretações psicológicas – às vezes contestáveis. Seja como for, a alquimia foi, desde então, a matéria primordial de seu pensamento.

A CRUZ DOS ALQUIMISTAS Podemos citar, por exemplo: “Aceitar as oposições fundamentais próprias do homem significa aceitar também que há na psique humana tendências que se contradizem”. Conforme a alquimia revela, a oposição é quádrupla, compondo-se de quatro elementos opostos entre si que formam uma cruz. “Cruz” como forma e como tormento é uma expressão da realidade psíquica. É por isso que a expressão “carregar sua cruz” é conveniente como símbolo da obra do alquimista, sendo integridade e sofrimento os elementos-chave de seu trabalho. Por essa razão o *Rosarium* (O rosário dos filósofos) termina com uma representação do Cristo ressuscitado, tendo por legenda: “Após meus grandes e múltiplos sofrimentos, eis-me ressuscitado, transfigurado e purificado de todas as minhas faltas” (*in Psicologia da transferência*, p. 128-129).

Um alquimista fecha muito bem seu forno, para que nenhuma influência exterior possa perturbar o processo

De que trataria, no fim das contas, a alquimia? Para falar de aumento ou elevação da consciência e de cura, Jung sempre pensa em termos de transformação, da transmutação do antigo para o novo, da passagem de uma espiral inferior para uma superior. Para isso, é necessário um aporte de energia, sem o qual só obteremos petrificação, alteração, caos e declínio. Portanto, era com razão que o alquimista evocava uma *opus contra naturam* (obra contra a natureza), um processo contrário à natureza, conforme revela Jung. No entanto, ele acrescenta que essa adição de energia deve vir do próprio alquimista, de sua atenção, de sua implicação no processo de transformação, da orientação de sua consciência, da colaboração do inconsciente para a cura. Assim, de acordo com Jung, a retorta ou forno alquímico deve ser necessariamente fechado para que as forças do exterior já não possam perturbar o processo, o qual necessita de um completo estado de introversão, o qual é frequentemente representado por um esqueleto ou um corvo negro.

A INDIVIDUAÇÃO SEGUNDO JUNG Seguindo o tema principal da alquimia que é *solve et coagula* (a separação e a reunião dos opostos, a *espargiria*), Jung concebeu uma relação

entre o consciente e o inconsciente marcada por um processo de diferenciação (*disiunctio*) seguido de um processo de integração dos conteúdos psíquicos (*coniunctio*); por um distanciamento seguido de reunião; pelo destaque de conteúdos psíquicos que conduzem à integridade; pela adoção de uma atitude simbólica em substituição à contínua projeção de si mesmo para o exterior e o fato de se identificar com todo esse processo. Jung não ligou a isso consequências metafísicas porque, para ele, em alquimia, imortalidade e eternidade são apenas símbolos de uma nova disposição psíquica que deve levar o homem ao que ele chama individuação, a qual considera o equivalente moderno da transformação alquímica, pois essa individuação não diz respeito unicamente à consciência, mas também ao inconsciente. Assim como na alquimia, a libertação não diz respeito somente aos crentes, mas deveria se estender à realidade como um todo.

MAIS ALÉM DO QUE JUNG Embora as mudanças desejadas pela prática da alquimia envolvessem muito mais que as mudanças referentes a alguns modelos psíquicos de reação, Jung esteve inclinado, durante longo tempo, a querer reduzir tudo a mecanismos psíquicos.



Assim, ele frequentemente se deixa ser apanhado em falhas, prendendo-se a uma visão muito retilínea, na qual o impacto psíquico, que ele ressalta, mantém na sombra uma transformação mais global.

Dessa forma, num bom número de pontos, suas ideias são desatualizadas. Outros seguiram sua obra pioneira, como por exemplo James Hillman, o verdadeiro fundador da psicologia arquetípica, e o antropólogo Joseph Campbell, autor de *O herói de mil faces*. Este, diferentemente de Jung, propõe um tipo de supraconsciência. Stanislas Grof, no início da psicologia transpessoal, após experimentos com LSD, merece também ser mencionado. Ele fez pesquisas sobre os estados perinatais, chegando à perturbadora visão de que o início e o fim da vida são, por natureza, semelhantes. Para despertar estados transcendentais similares a esses dois momentos-chave, Grof submeteu seus pacientes a técnicas de *breathing and rebirthing* (respiração profunda e situação de renascimento) nas

quais a dor do nascimento e a da morte são evocadas, e mesmo sentidas. O controverso Wilhelm Reich fez experiências do mesmo tipo com a aplicação do orgone – um tipo de energia eletromagnética – para remover bloqueios no corpo humano.

Citamos, por fim, as pesquisas impressionantes de Ken Wilber sobre os numerosos estados de desenvolvimento da consciência. Ele vê uma linha ascendente do estado de inconsciência até o estado de consciência universal, que ele chama de *gnosis*.

OUTRAS INOVAÇÕES Há muitas mudanças em curso em outros campos científicos. Por exemplo, o desenvolvimento da medicina energética, as novíssimas descobertas sobre o cérebro, as inovações no pensamento conceitual com a noção dos “campos” – tudo isso em conformidade com as descobertas no domínio da física quântica. Mas não devemos esquecer que, em seu tempo, Jung já trabalhava com o físico Wolfgang Pauli, que descobriu o nêutron. Trata-se de desenvolvimentos completamente diferentes dos propostos por um meio médico limitado, no qual a noção de imortalidade apenas é encarada como prolongamento da vida e de curas de rejuvenescimento por meio de tratamentos hormonais e outros. Elisabeth Kübler-Ross, por exemplo, com seu trabalho em cuidados paliativos, sentia-se deslocada nesse mundo médico. Inspirada pelo velho sábio de Küssnacht, Jung em pessoa, ela explorou domínios totalmente novos.

*Eu morri mineral, tornei-me planta.
Morri planta, tornei-me animal.
Também morri animal,
para tornar-me homem.*

A MORTE ALQUÍMICA

Vejam os finalmente o conceito de morte alquímica. A esse propósito, esclareçamos que a morte se apresentou pela primeira vez a Jung durante uma violenta crise cardíaca, em 1944. Essa prova contribuiu para direcionar seus trabalhos posteriores. Ele percebeu que sua maneira de reduzir tudo à psique coletiva tinha seus limites, de modo que, finalmente, deu maior importância ao arquétipo da mente como *spiritus rector* (espírito guia) de suas transferências interiores. Então, ele relativizou a oposição entre matéria e consciência e começou a falar de “psicóide”. Isso levou ao conceito de “sincronicidade”, a simultaneidade de acontecimentos sem causa aparente, mas carregada de sentido (que o fez lançar um olhar diferente sobre o fenômeno dos OVNI). À medida que sua morte se aproximava, Jung refletia mais e mais profundamente sobre o que demarcava a fronteira entre a vida e a morte. No final de seu livro *Memórias, sonhos e reflexões*, ele considera a relação entre atemporalidade e eternidade e a existência no espaço-tempo sob a luz de um sonho que tivera depois de sua experiência de proximidade da morte, no qual vira a si mesmo como um iogue em meditação. Ele considerava inteiramente

*Por que temerei a morte,
uma vez que jamais perdi
e somente ganhei?*

*Minha próxima etapa será
eivar-me ao estado de anjo.*

*Mesmo anjo, morrerei
para me alçar ao estado
que ultrapassa todo entendimento.*

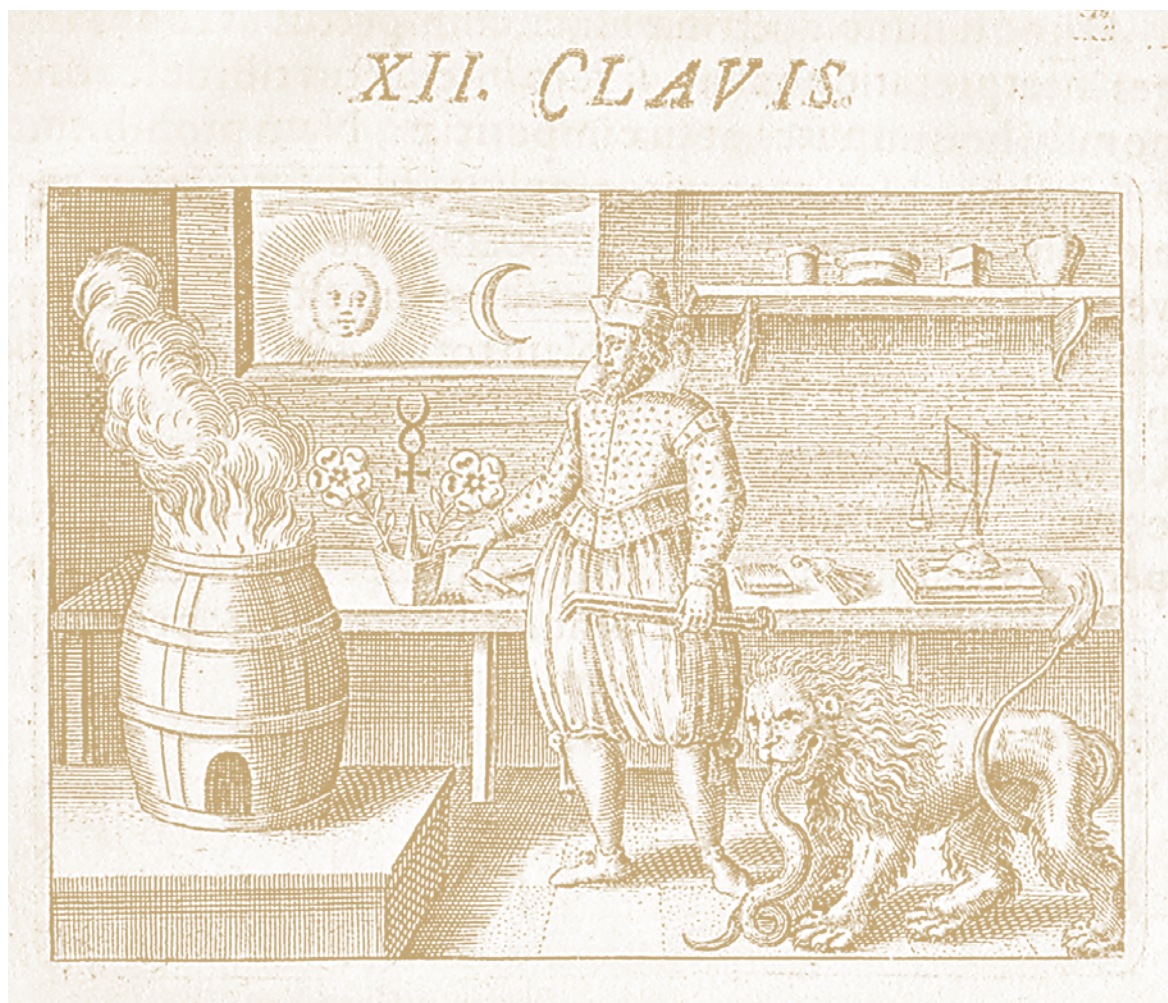
Rûmi

possível que um eu atemporal em seu estado pré-natal se projetasse no espaço-tempo para aí fazer experiências e alcançar o conhecimento de si mesmo e uma consciência mais ampla.

O VERDADEIRO CRITÉRIO PARA MINHA VIDA

Jung escreveu: “A questão decisiva para o homem é:

sou afetado pelo infinito ou não? Esse é o verdadeiro critério para minha vida. (...) Eu poderia muito bem imaginar que vivi nos séculos passados e que me bati por perguntas que não pude responder, e que, portanto, tive de renascer para cumprir a tarefa que não terminei então. Imagino que, quando eu morrer, minhas obras me seguirão. Levarei o que terminei. Portanto, é importante que eu não me encontre de mãos vazias no final da minha vida”. Responder às próprias questões existenciais, aos grandes questionamentos referentes à vida e à morte de modo a não deixar esta vida de mãos vazias era o que o ocupava Jung no final. Era exatamente disso que tratava o simpósio que tinha por tema Morte Alquímica. Hoje, enriquecidos de novas compreensões, estamos determinados a aplicá-las em nossa vida cotidiana. Então, coloquemos essa compreensão na grande vida do mundo – e façamos isso até nossa morte. ✪



A QUARTA RECEITA. O espírito deve estar em harmonia com a obra

Esta receita trata do processo de criação que emana continuamente da alma do mundo, a *anima mundi*. É a força natural cósmica, pulsante, que está presente em nosso corpo, nossa psique, nossas criações e em nossa sociedade, e que aí se manifesta como força e movimento. Na natureza, são os seres naturais e elementares – os elfos, ninfas, espíritos do fogo e gnomos que vivem e trabalham nos quatro elementos: terra, água, ar e fogo. No homem, são as imaginações e inspirações que, como forças transformadoras em nosso espírito, dão impulso às realizações criativas, à ação e aos substratos materiais.

Todavia, o trabalho alquímico pode ser vivificado através de uma força inspiradora mais elevada: através do Espírito “Santo” que vem da ordem intercósmica. Assim, trabalhar equivale a orar. Trabalho, nesse sentido, não é meramente “ação”, mas, sobretudo, um “estado de ser”. É o estado de ser de um “comovimento” harmônico com o impulso do Tao. É somente por meio de um consciente movimento conjunto com o Logos que se realiza a grande obra alquímica.



A QUINTA RECEITA. O Sol e sua sombra completam a obra

Sol e sombra (*umbra solis*) não deveriam ser considerados opostos, mas sim a expressão de uma só energia. Assim como masculino e feminino definem dois aspectos da consciência humana (consciência e subconsciência, hemisfério cerebral esquerdo e direito), Sol e sombra formam dois polos de um campo de desenvolvimento com a Terra: o corpo, no meio. Sol e sombra representam os dois polos necessários para que seja criado um campo de desenvolvimento, assim como um campo eletromagnético tem um polo positivo e um negativo. Masculino (ativo, criador) em relação ao feminino (passivo, gerador). Vemos aí a bipolaridade de um campo de criação. Ou seja: a partir do Um surge o Dois do qual então surge o Três – e assim se torna possível a criação. Além disso, nesta gravura o Sol e a Lua estão unidos por um anel dourado de estrelas. Esse anel astral (*aster* = estrela) simboliza o casamento celeste – *matrimonium coeleste* – entre Sol e Luna (Sol e Lua).

O casamento celeste simboliza a união de espírito e alma sendo que a Lua reflete a luz solar espiritual. Podemos também relacionar esta realidade “assim como em cima, assim é embaixo” com o próprio homem. O Sol irradia o impulso espiritual, a Lua recebe-o e reflete-o formando assim uma estrutura de linhas de força – a imagem da qual a Terra se eleva como *corpo*.

consolação, força, benignidade

Como lidar com a realidade da morte de alguém próximo? O Simpósio de Noverosa sobre Morte Alquímica reservou um tempo para um colóquio, para que o grupo se familiarizasse com o tema e pudesse debatê-lo com base na prática. Este artigo reporta as experiências sobre momentos de transformação mencionadas naquela ocasião.

O simpósio realizado em outubro de 2014, no Centro de Conferências de Noverosa, possibilitou a todos a oportunidade de, com base em experiências práticas, debater em dois colóquios o tema Morte Alquímica. Quatro pessoas que em sua atividade profissional foram ou são intensamente atingidas por processos de morte e luto foram convidadas a conduzir os colóquios, que foram bastante concorridos. Nestes, o tema foi comentado e esclarecido sob vários aspectos: tanto a morte em si – o fim da vida – como também a morte durante a vida. Em ambos os eventos, alicerçados por quatro curtas introduções, o propósito foi sempre o foco na assinatura gnóstica, alquímica.

À luz do fim que se aproxima a pessoa visualiza o resultado decisivo: uma veste bonita, mas, infelizmente, também com manchas feias, um buraco ou um rasgo... Nenhuma veste fica intacta. A pessoa vê-se diante de suas deficiências, seus defeitos: sua própria falha, a obstinação, o comportamento derivado de motivos baixos ou com objetivos inferiores... Isso é percebido principalmente no campo dos relacionamentos: com filhos, com a família e nos círculos de amigos. A sombra assim provocada pode dificultar severamente o último período da vida. Então a perda é suportada e sentida não tanto através da morte que se aproxima, mas da vida...



EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS COM CUIDADOS EM PACIENTES TERMINAIS

CHANCE Contudo, essa situação dramática traz em si uma chance de libertação, pois, por meio desses confrontos, uma pessoa torna-se sensível para o toque da Luz. Então, ela se torna benevolente não apenas para consigo mesma, mas também para com os outros, criando um espaço para o tratamento das relações prejudicadas. Parece ser necessário bem pouco para isso: não há palavras, mas sim um abraço; em vez de justiça há igualdade. Também há gratidão, pelo fato de o outro estar ali disponível para ela; não há discussão, censura ou crítica, mas um encontro de coração a coração. Às vezes não há continuidade. Às vezes, o outro não quer voltar ou

não pode. Então, a bela veste parece dolorosamente desgastada, sem condição de reparo. Essa situação pode provocar tristeza tão profunda e tal sentimento de carência que até mesmo no momento da morte ainda aparece esse sentimento em relação à própria vida: “Eu sou assim. Foi isso que fiz da minha vida. Não fui maior, nem mais bonito, nem melhor. Ai está o resultado final desta vida, desta encarnação. Tudo bem. É suficiente. Ah, mas os defeitos também são meus. As manchas e desgastes contam a história da minha viagem através da matéria. Foi com eles que aprendi, pois são uma parte da minha lição de vida”.



Através dessa última autorrendição, ela é tocada por uma força, uma graça, um auxílio amoroso que a eleva acima do sofrimento e lhe entrega um tesouro: discernimento, aceitação e paz

PERDÃO Quando a Luz perpassa essa pessoa, ela consegue perdoar suas próprias deficiências e também as fraquezas dos outros. Então, passa a entender, nitidamente, que também os outros têm de crescer com todos os talentos que receberam. E que também para eles as coisas podem ter sido muito grandes, muito complexas. Por meio dessa percepção, desaparecem a maldade, a crítica e o ressentimento, e a pessoa pode tratar os outros com benevolência e compreensão. Além disso, pode instaurar-se a paz no coração porque, finalmente, a pessoa reconhece que na aceitação e no perdão está contida a libertação no que diz respeito a si mesma e aos outros. Com a prática de tratar o luto e a elaboração da perda, surgiu o interesse em verdadeiramente permitir-se obter, querer e vivenciar aquilo que acontece na vida: tanto o que traz alegria como o que é doloroso. De acordo com os conhecimentos de Kübler-Ross, o homem existe para reunir experiências e fazer uso de suas sensações e emoções. Emoções são correntes de energia com as quais o homem pode assimilar suas experiências. A profunda dor por uma perda, por exemplo, esvai-se em um mar de lágrimas derramadas causadas por ela. O que fica então é uma dor mais branda e suportável e a ocorrência de uma verdadeira transformação, a assimilação de uma rica experiência de vida que contribui para o crescimento de nossa consciência. A racionalização das experiências de vida, ao contrário, leva uma pessoa para bem longe de si mesma. Então ela coloca, por assim dizer, a sua própria experiência de vida fora de sua vida,

provocando uma lacuna interior, um vazio. Ao observarmos vivências dolorosas, senti-las e passar por elas de modo intuitivo, disponibilizamos a rica colheita de experiências que elas trazem em si. Todo esse processo, tão necessário para recolher esse tesouro, podemos chamar de “processo de transformação”. Mediante essa atividade interior, acontece nessa pessoa uma “conversão alquímica”, uma conversão que vai do escuro para o claro.

ENTREGA Quando uma pessoa quer submeter-se a esse processo de transformação, quando está preparada para morrer emocionalmente para poder viver de novo e quando, nesse processo, entrega sua vida, sua dor e a si mesma – então, por um curto momento, fica inteiramente nua e de mãos vazias. E, justamente nessa entrega absoluta, ela atrai, por um instante, um elemento vindo de fora, e que a ajuda muito em sua luta. Pode-se dizer que, através dessa última autorrendição, ela é tocada por uma força, uma graça, um auxílio amoroso que a eleva acima do sofrimento e lhe entrega um tesouro: discernimento, aceitação e paz.

TRANSFORMAÇÃO Essa comoção “anímica” que não pode ser anulada, também pode, em certo momento, dar lugar a uma profunda alegria. Querer que essa comoção continue crescendo ou não, depende da própria pessoa. A chave para a transformação também se mostra no desprendimento do eu, na morte do eu – fato que também pode ocorrer durante a vida.

A esse respeito diz o axioma gnóstico: “Aprende a morrer antes de morrer: assim, serás capaz de morrer na hora de morrer” (Jacob Boehme). Por meio desse desprendimento, a pessoa torna-se tranquila a partir do interior, criando um espaço para formar verdadeiramente um vínculo com seu ser mais profundo e também com a essência do Outro. O coração abre-se, e a Luz pode brilhar no interior: assim pode formar-se um vínculo com tudo e com todos. Quando a pessoa está assim ancorada no “centro”, ela tem contato com uma essência mais profunda. O Outro dentro dela deve tornar-se maior, e o eu deve diminuir.

A morte alquímica, a morte em cada alento, ou, como diz Jung, “a viagem da alma através das fases de transformação”, é expressa, de modo admirável, no pequeno poema de Toon Hermans intitulado ‘n Beetje’ (Um pouquinho):

Não se morre de uma vez.

Isso acontece aos pouquinhos

E de cada pouquinho que você morre

Estranhamente se esquece.

Muitas vezes nem percebe.

Você diz: “Estou tão cansado!”

Mas, de repente, aí está...

Você chegou ao último pouquinho!

Nesse “morrer um pouquinho” em vida e no “morrer do fim da vida” podem ocorrer importantes momentos de consciência, pois, em sua peregrinação e busca espiritual, o homem não é deixado sozinho. Ele é acompanhado

pela centelha de Luz e sua companheira, a alma. Estas frequentemente lhe proporcionam, em profundas crises, importantes experiências de conscientização, as quais podem aclarar seu caminho através da vida. E você? Já vivenciou um momento como esse? O que poderia dizer de suas experiências cármicas pessoais? Já deu uma olhada em outra dimensão da existência? Observou o campo etérico durante a transição e na separação de consciência, a partir da esfera material para a esfera etérica?

Ou como diz Pim van Lommel em seu livro *Oneidig Bewustzijn, ‘een sterfbedvisionen, een bijna-doodervaring’* (Consciência infinita, uma visão no leito de morte, uma experiência de quase-morte): você já chegou a ver desfilar diante de seus olhos uma síntese da vida passada?

E quais seriam as consequências? Pode ser que se manifeste na alma um conhecimento muito claro, visionário, intuitivo. A pessoa pode perguntar-se por que está na Terra e o que de essencial deve fazer nesta vida. Mas a centelha de Luz e a alma não nos proporcionam apenas o conhecimento da direção no caminho que devemos seguir ou que já tomamos no final da vida. A centelha e a alma oferecem a todos os mortais, em sua busca quase interminável: direção, consolo e força.

É fantástico saber, como resultado desses importantes momentos de consciência, que não ficamos sozinhos nem abandonados. O que nosso coração procura acompanha-nos de há muito: o amor divino que vem buscar o que está perdido. ✪



A PRIMEIRA RECEITA. Vai ao âmago da Terra e aperfeiçoa o que lá encontrases

O caminho de iniciação de uma Escola de Mistérios frequentemente é designado como Subida ao Monte. A senda é difícil e requer nossa atenção total. Este é o primeiro estágio na gravura – *calcination*. Autoentrega e desprendimento do eu, *sublimatio*, levam à *solutio*. No estágio seguinte, amplia-se nosso autoconhecimento e encontramos a *tinctura*: a essência de nossa existência. As sete janelas de nossa alma são abertas, na câmara da torre as núpcias alquímicas podem realizar-se. A fênix eleva-se: o âmago da Terra – nosso antigo ser – foi dominado. Na gravura, o rochedo sobressai no mar acadêmico – a dialética. Nos quatro cantos vemos os quatro elementos: o ponto de partida dessa instrutiva viagem, a Terra. No círculo dos doze guardiães de nosso zodíaco sustentam-nos as doze constelações para sondar o estado astral de nosso microcosmo e, através da autoentrega, levar à neutralização as forças propulsoras que estão presas no carma..

a montanha do espírito

O corpo humano é depositário de um plano. Poderíamos até falar de uma missão que consiste em encontrarmos nosso caminho rumo à nossa origem espiritual. Muitíssimo bem esboçados, aqui estão os degraus e as sucessivas possibilidades que nos conduzem a ela.

Goethe foi um grande poeta e homem público, mas também um célebre estudioso dos fenômenos da natureza.

Um dia, ele disse: “A morte é um processo da natureza para fazer nascer algo novo”.

Por exemplo: há plantas de dois anos de idade que morrem para que, logo que chegue a primavera, possam mostrar-se todas floridas e se multiplicarem. Outro exemplo: saindo do sul do México, as borboletas monarca percorrem mais de cinco mil quilômetros para se encontrar com milhões de sua espécie na América do Norte. Mesmo que alguém tente desviar essas borboletas de seu destino, desviando-as centenas de quilômetros de seu caminho, elas modificam seu itinerário para alcançar seu objetivo, mesmo que levem um ano inteiro, três gerações, e, então, levem mais dois anos para voltar. Todas as gerações registram em seu sistema a ampla região do encontro.

ITINERÁRIO ALQUÍMICO O mesmo acontece com o ser humano. Em seu corpo está registrado seu objetivo, sua missão. Resumindo: essa missão consiste em encontrar seu caminho rumo à sua origem espiritual. Em uma primeira fase, essa missão não está presente em sua consciência. Isso corresponde, em alquimia, à fase *nigredo*, que é o estado obscuro que impede o ser humano de perceber a luz que chega até ele.

Nós nos identificamos demais com nossas emoções e, em seguida, com nossos pensamentos, com nosso estado mental. À medida que conseguimos avançar um pouco mais, encontramos

algumas alternativas. A imagem da página 26 representa esse tipo de buscador, que permanece curvado. Um homem enfaixado (um iniciado) indica a rocha. Observem a estrutura dessa imagem:

- o quadrado: os quatro elementos que simbolizam o planeta onde se inicia a busca;
- o círculo: o microcosmo, um céu estrelado;
- o triângulo: símbolo do processo que se faz necessário.

SETE PROCESSOS Essas três figuras geométricas aparecem tanto na alquimia quanto na Ordem Rosa-Cruz.

O triângulo – aqui representado pela rocha – está solidamente enraizado na terra, rodeado pelo Mar Acadêmico, ou seja, a dialética. A seu lado, podem ser vistas sete figuras, que personificam os sete planetas. No alto está Hermes ou Mercúrio, o mensageiro dos deuses, que também é o bobo da corte, o bufão do rei, pois é ele quem traz a mudança para nos manter em constante movimento. Não é verdade que muitas vezes pensamos ter compreendido alguma coisa a nosso respeito e, logo em seguida, descobrimos que é exatamente o contrário?

No círculo, os signos zodiacais estão colocados em pares. Os planetas modulam os astros aos pares de acordo com o princípio *yin-yang*, ou seja, feminino-masculino: portanto, são os planetas que contribuem para essa escalada da montanha do espírito. A ordem das constelações dispostas no círculo também tem um significado simbólico. Os degraus esculpidos na montanha indicam os

Os sete degraus esculpidos na montanha do Espírito indicam os sete processos que conduzem ao autoconhecimento e à autolibertação

sete processos pelos quais o ser humano precisa passar para alcançar o autoconhecimento e a autolibertação.

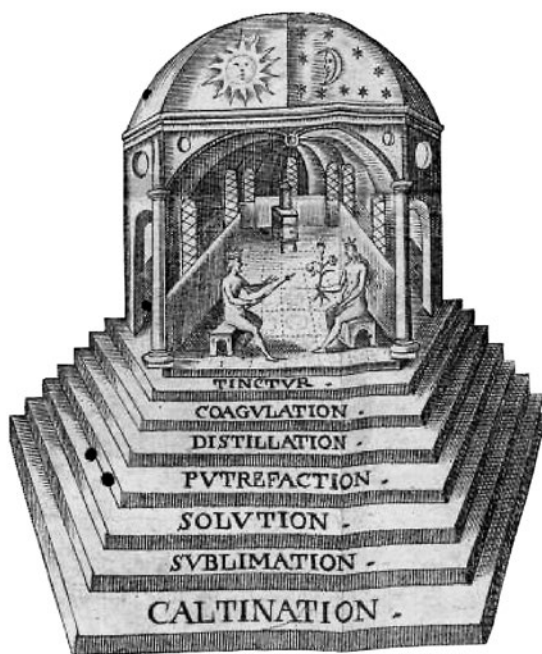
ÁGUA SOBRE CAL VIVA

O primeiro degrau é *calcinatio*, o processo ígneo.

Os alquimistas ficavam fascinados com o fenômeno da cal viva que pegava fogo ao entrar em contato com a água. A metáfora é a seguinte: se conseguirmos nos abrir para receber a Água Viva, o influxo ou toque divino

acenderá em nós esse fogo purificador – o que não é tão simples, pois isso provoca altos e baixos – então poderemos nos livrar dos profundos laços da consciência e de antigos hábitos cuja origem geralmente é cármica.

Essa tomada de consciência e autoconhecimento nos dá coragem para aceitar nossos defeitos, que vão sendo revelados. Consequentemente, vamos mudar toda a nossa forma de considerar os acontecimentos pessoais de nossa vida, e assim poderemos antecipá-los melhor. E, além de aceitar



nossas imperfeições, teremos mais facilidade para aceitar as imperfeições dos outros.

PRUDÊNCIA E

PRECAUÇÃO O segundo degrau é *sublimatio*, um processo do ar. Nessa fase acontece a fervura, a evaporação e a decantação. Essa técnica química ainda é utilizada para elaborar remédios homeopáticos que contenham metais cujo efeito é ativado.

Esse procedimento exige precauções sutis: o aque-

cimento precisa ser feito com cuidado, em etapas curtas. Depois da evaporação, o resfriamento vai se fazendo aos poucos. Se houver muito ar (hiperventilação), podemos perder o equilíbrio, nos desorientar, perder o rumo. Há muitos traços que caracterizam tudo o que esse processo de luz faz surgir. Nossa vida está situada em um nível mais elevado no qual o ser que está lutando consigo mesmo reconhece tudo o que ele projeta, e vê o que nasce dele mesmo. Esse ser começa a ter uma visão de conjunto mais apurada e consegue se

afastar, quando necessário. Nessa fase, a crítica e os julgamentos já não são automáticos.

FAXINA NO ESTÁBULO Desse modo, ficamos aptos para subir o terceiro degrau – a fase chamada *solutio*, que é um processo da água. É nessa fase que se inicia a grande purificação psíquica. Na mitologia, ela corresponde a um dos trabalhos de Hércules, que todos julgavam ser quase impossível: a limpeza dos estábulos de Áugias. O herói consegue solucionar esse problema desviando o curso de um riacho.

Nós também poderemos fazer o mesmo deixando que a corrente divina limpe nosso estábulo – nosso ser aural caótico. Com essa limpeza profunda, os esquemas comportamentais que estavam registrados dentro de nós desde a juventude, ou até mesmo antes, podem se desprender de nosso carma.

A autolibertação resultante desse processo nos permite aceitar a nós mesmos e aos outros, com maior consciência. Pouco a pouco, o eu vai perdendo sua posição dominante e se torna mais servidor do que chefe. Quem nos vê de fora diria que mudamos um pouco, mas, lá dentro, percebemos que nossas motivações são menos baseadas no ego e estão muito mais voltadas para o que é espiritual.

A DECAPITAÇÃO Por fim, há a *putrefactio*, que é o quarto degrau, ligado ao elemento terra. A *mortificatio* também faz parte desse degrau, que não consiste em um processo químico propriamente dito. Nesse ponto, a matéria, o ego, é

reduzida a cinzas. Os processos anteriores geraram, na composição das cinzas, múltiplas camadas finas. Essas cinzas fazem com que a terra se torne fértil (Cf. a imagem da sexta receita). A terra assim alterada pode receber o ouro – o espírito divino – e prover seu brilho. Para os alquimistas, esse quarto degrau era o mais importante. O homem que passa pelo processo até o seu “bom fim” fica totalmente aberto à ligação com o Espírito. A cena da decapitação de João representa, na Bíblia, a *mortificatio*. O pensamento que é somente racional precisa ser substituído pelo pensamento que concilia cabeça e coração. Em linguagem alquímica, essa espiritualização é representada pela fênix, que renasce das cinzas.

UMA REALIDADE TOTALMENTE NOVA Depois desses quatro processos terrestres, a fase *albedo* se completa. Seguem-se três processos espirituais que conduzem à conclusão, que é a fase *rubedo*. O primeiro é a *distillatio*, fase na qual a natureza terrestre é substituída pela nova alma em atividade. Na fase seguinte, a *coagulatio*, a alma adquire uma forma mais espiritualizada. Essa realidade completamente nova é descrita no Apocalipse como “e surgiu um novo céu e uma nova terra”. Quando acontece a sétima fase, a *tinctura*, surge a quintessência de nossa vida. A ligação entre a alma e o Espírito já está completa: as núpcias entre o rei e a rainha estão seladas. Isso pode ser observado na “câmara no alto da montanha” – a pineal. As sete janelas da alma estão abertas. A Grande Obra está realizada. ✪

as alças de jade

Em si mesmo, o homem é um processo alquímico incessante de transformação e agitação, no qual se expressa cada vez melhor o tipo de potencial que o anima. O ser humano é semelhante a uma panela, onde a vida, levada à ebulição, faz todos os ingredientes se fundirem em um alimento único, que ele pode compartilhar com todos.

O estudo da alquimia do corpo começa pela questão do significado da palavra “corpo”. Em português, deriva do latim *corpus*, que busca a ideia da palavra “inteiro”. É interessante mencionar que em holandês utiliza-se uma palavra específica para designar um corpo morto. Essa palavra, *lichaam*, deriva da palavra *lich* (uma palavra antiga para cadáver) e (h)aam (derivado de “respiração” e relacionada com a palavra francesa para a alma, *âme*, bem como com uma palavra antiga germânica, *haam*, que significava “vestir a camisa”). O corpo não é apenas uma forma física, é um corpo revestido, animado. Ele é como uma taça ou como um coração. Sua qualidade lhe é dada com base naquilo que ele contém. No mundo inteiro, a literatura traz testemunhos da localização da alma no coração. O coração é a sede da alma. O corpo é um instrumento que carrega uma alma dentro de si, na altura do coração. A alma é o órgão que rege esse instrumento. A inteligência e a sabedoria do corpo lhe foram atribuídas com base nessa informação. Animado pela inteligência e sabedoria que o carma às vezes rouba, o corpo segue certo percurso, que leva o tempo de uma vida. Se mantivermos a comunicação com o coração, o corpo seguirá o caminho certo. Então, poderemos dizer a respeito de nossas ações que “são justas” – pois estão em sintonia com a batida do coração.

A cabeça é o ponto de convergência de todos os fios da autorrealização. Por fim, ela é o local de expressão direta do espírito. Da mesma forma, o coração é o órgão no qual se encontram e são pesados todos os impulsos e forças provenientes tanto

do interior como do exterior – às vezes, na mesma hora. E isso não é válido apenas para os seres humanos, mas também para muitas organizações, pois elas são corpos vivos com um “coração” que cuida de seus negócios.

O corpo pode ser tudo, menos estático: ele se move em um processo incessante de forças que constroem e destroem, e o mantêm em movimento. Ele é a típica expressão de um afluir de forças, de um campo de força. Quando as forças envolvidas provenientes das três fontes que são o espírito, a alma e o corpo colaboram de forma harmoniosa, o corpo é sadio.

A literatura esotérica considera que o corpo está em bom estado de saúde quando se pode falar de uma coerência, de uma unidade entre corpo, alma e espírito. Somente então se manifestam plenamente o potencial das qualidades humanas, o objetivo e o destino. De fato, é segundo essa perspectiva que o homem vive um contínuo processo alquímico de transformação e de movimento. E assim ele expressa cada vez melhor o potencial espiritual que o anima. Portanto, aí está uma exigência: que a totalidade da triunidade corpo-alma-espírito funcione em harmonia.

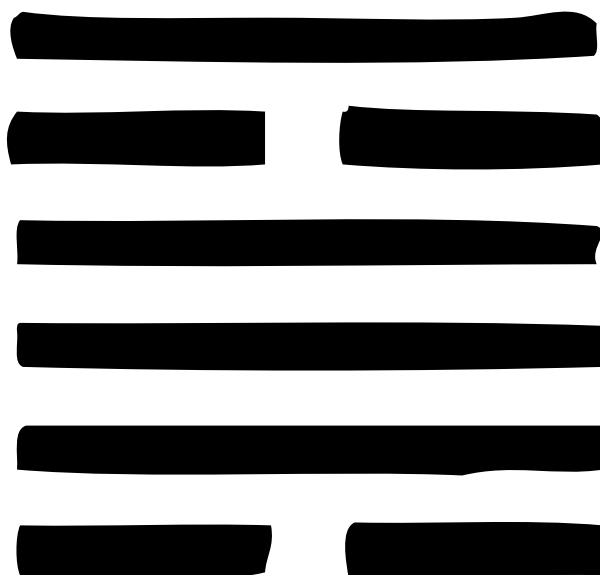
Nessa trindade harmoniosa o homem é um verdadeiro artista. A esse respeito, disse certa vez um sábio:

“Aquele que trabalha com as mãos é um trabalhador;

Aquele que trabalha com as mãos e a cabeça é um artesão;

No entanto, somente aquele que trabalha com as mãos, cabeça e coração é um artista.”

鼎



Será que vida e morte poderiam ser consideradas uma forma de arte? Se considerarmos a vida sob o prisma da psicologia alquímica de Thom Cavalli, veremos que é possível ao ser humano exercer a Arte Real de viver conscientemente (*Royal Art of Living Consciously*). Para desenvolver esse tipo de arte, é preciso haver pedras de construção adequadas, destinadas a uma alquimia da vida e da morte. Nesse processo, podemos distinguir três fases: *nigredo*, *albedo* e *rubedo*. Em seguida, teríamos sete práticas ou métodos: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio* (ou *putrefactio*), *separatio* e *conjunctio*. O significado desses métodos encontra-se mencionado rapidamente nas importantes fases do processo de individuação que Carl Jung expôs com muita precisão. Cavalli os descreve em termos de *sacred*

operations – procedimentos sagrados que trazem consigo a cura.

Como a alquimia é universal, vamos dar uma volta e fazer um passeio pela China. Aí descobrimos que essa arte sublime se expressa em termos de religião, filosofia, arte de bem viver, metalurgia, medicina e também em termos de arte culinária. Assim, um processo exterior de cozimento fornece indicações a respeito de uma transformação interior. Esse cozimento acontece no interior do corpo humano e pode ser representado por um pote de alimento, um vaso de oferendas ou uma panela. Essas representações ilustraram a excelência da cultura chinesa. O recipiente de alimentos era um grande vaso de bronze utilizado nas grandes festas sacrificiais imperiais da dinastia Chu. Todos os participantes dessas festas traziam seus próprios alimentos. Então, eles se reuniam e um rei-sacerdote, mestre do sacrifício, os ligava para que se tornassem um Todo. Esse vaso de oferendas não servia somente para alimentar as pessoas, mas também alimentava a unidade espiritual entre elas. Um processo como esse, de solda ou união, era considerado a essência de toda a Arte Real. De fato: até mesmo em uma panela está presente um campo de força. Nela são integrados diferentes sabores e supõe-se que o modo de preparar possa resultar em uma nova unidade: a comida, o alimento propriamente dito. Se imaginarmos o recipiente do alimento como uma metáfora do corpo humano – o corpo do aprendiz de alquimista – poderemos captar seu significado alquímico. Assim, podemos observar o processo a seguir. Primeiro, existe uma panela



virada para baixo. Os velhos restos que se queimaram em seu fundo precisam ser retirados, de tal modo que, respeitando os princípios de higiene, o alquimista possa encher a panela com os alimentos santos, os santos éteres. Para que o alquimista possa manejar a vasilha em questão, essa panela precisa ter pés: do contrário, ficaria instável, não seria possível mudá-la de lugar e ela perderia sua função. Mas, se acontecer de um de seus pés quebrar, tudo acaba mal. O banquete festivo do rei fica comprometido, sua pessoa fica toda suja. Mas, por outro lado, se a panela tiver alças amarelas, anéis de ouro, então já estamos falando de um vaso transbordante de oferendas, pois ela pode ser colocada no lugar correto – ou seja, no centro do ser. Nesse caso, o processo de cozimento revela ser de nobre qualidade.

Porém há mais, e melhor: quando o vaso cheio

Ninguém pode e ninguém vai querer guardar somente para si esse alimento sagrado, essa santa panaceia

de alimento tem anéis de jade, o processo alquímico de cozimento atinge sua perfeição. Na tradição chinesa, o jade é muito apreciado, considerado a mais preciosa das pedras. Enquanto as alças de ouro dos vasos pegam o calor de seu conteúdo, o jade mantém sua temperatura. Por isso, imediatamente depois do cozimento, os alimentos portadores de cura podem ser transportados em suas vasilhas, para qualquer lugar. Nesse sentido, o jade é idêntico à pedra filosofal mística, que é carregada para toda parte onde for necessária. Agora, poderemos dar um passo em direção da verdadeira cura.

Segundo a lenda, os rosa-cruzes também faziam uso da panaceia universal. Isso não significa que eles estavam fixados na cura das imperfeições ou males da personalidade, nem no desaparecimento de circunstâncias agravantes e negativas em relação ao corpo e à psique. Não. O objetivo deles era e continua sendo a cura alquímica do microcosmo em sua totalidade, uma vez que é ele quem dá vida ao ser humano e à personalidade! Nosso ponto de partida é que todo homem nasce com um corpo animado. Mas esse corpo não é uma página em branco. Não. O homem nasce com uma “pré-história” que, em sintonia com a bagagem sanguínea e genética de seus ancestrais, influencia todo o percurso de sua vida. Podemos considerar as doenças, problemas psíquicos e deficiências corporais como consequências de um passado cármico. Por outro lado, as dores e sofrimentos sempre têm um efeito de purificação ou de reabsorção, nem que seja pelo desejo de acabar com eles.

Quem já passou pela experiência de acompanhar



um moribundo em seu processo de morte conhece esse efeito purificador da autorrendição nas pessoas que se aproximam do final de suas vidas.

Vamos lembrar uma frase de Paracelso, médico cuja reputação todos conhecem, que afirma que, na verdade, a doença é um processo de cura. E devemos entender: trata-se da cura do sistema microcósico. Uma ideia como essa somente pode ser compreendida se formos capazes de considerar que o corpo humano tem uma função para a alma. Hermes diz a mesma coisa. Essa ideia traz uma indicação para uma cura verdadeira: a cura do microcosmo, e não unicamente a cura do corpo. Essa cura é sustentável desde que a purificação alquímica – uma panela onde a vida duradoura não deixa de ferver – tenha o efeito de trazer a verdadeira renovação da alma. Conseqüentemente, uma alma como essa pode expressar, de forma inalterada e imaculada, o puro impulso do espírito, a força e a energia crística, que os rosa-cruzes veem como uma energia sempre ativa, sempre portadora de cura. Essa atividade benéfica é dirigida a todos. O campo de força que é assim criado é de vibração extremamente elevada, que consegue até mesmo restaurar o metabolismo alterado do ser humano. Essa energia que ao mesmo tempo assimilamos e irradiamos transmite sua força salvadora ao nosso sangue, à nossa consciência, ao sistema nervoso e ao sistema hormonal. Sendo um instrumento da alma, nosso corpo torna-se transparente, mas é principalmente a alma que se torna clara como cristal. Precisamos deslocar nossa vasilha, essa bandeja de oferenda, para que todos possam ser servidos. Ninguém pode e ninguém vai querer

guardar somente para si esse alimento sagrado, essa santa panaceia. É precisamente isso que faz que, em todas as áreas de nossa vida, sejam eliminados inúmeros obstáculos procedentes de nossa bagagem cármica. É assim que o microcosmo é total e definitivamente regenerado.

Agora, aí está, finalmente, o ser humano verdadeiro: um homem digno de carregar esse nome! Ele é capaz de carregar essa vasilha segurando-a pelas alças de jade. Ele é capaz de levá-la para todos os lugares à sua volta, para distribuir seu precioso alimento. De agora em diante, ele está colaborando conscientemente para a cura do mundo e do gênero humano. ✪

a redescoberta da gnosis II

No dia 6 de novembro de 2013, quando ocorreu a publicação em holandês do livro *Ecos da Gnosis*, houve uma palestra pública na livraria Pentagrama de Haarlem, Holanda, com o título: Por que George R. S. Mead pode ser chamado de “o primeiro gnóstico moderno”. Logo abaixo, segue a segunda parte dessa palestra, que é um resumo da História da Gnosis.

George Mead conhecia muito bem as pesquisas realizadas antes dele. Por isso, aprofundou-as e elevou bastante o nível de seu significado. Depois de trazer ao leitor alguns aspectos mais profundos das pesquisas, explicaremos o porquê.

O BERÇO DA BUSCA A busca pela Gnosis não se iniciou nem no mundo de fala inglesa, nem alemã, nem francesa. O trabalho de pesquisa, situado no prolongamento do pensamento teosófico e pietista, cuja fonte de inspiração foi Jacob Boehme, culminou com os filósofos Schelling e, principalmente, Hegel.

Esses dois pensadores idealistas deveram muito mais a Jacob Boehme do que em geral se admite, mesmo que, em certos aspectos, eles não o tenham compreendido muito bem.

Hegel possuía amplo conhecimento de História, onde via registrado o avanço da consciência do Absoluto. Isso permitiu uma concepção completamente diferente da verdade cristã revelada. Ou seja: a verdade não havia descido de repente do céu – sua vinda havia sido preparada e se fazia notar desde o mundo dos mistérios pagãos.

Muito antes de Hegel, Gottfried Arnold havia redigido uma História da Igreja que levava em conta as concepções dissidentes e tomava o mesmo rumo de Hegel. O próprio Arnold mantinha contatos pessoais com certos filadelfos – discípulos de Boehme, como John Pordage e Jeane Leade. Sua *Unpartheyische Kirchen und Ketzer Historie* (História imparcial

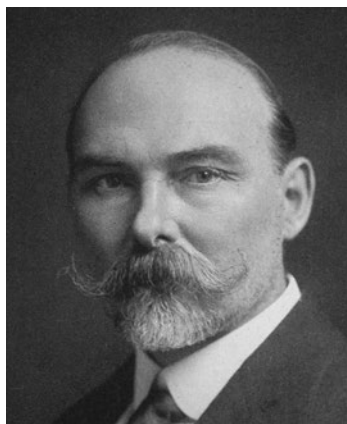
da Igreja e dos heréticos) foi publicada por volta de 1699-1700.

Para escrever essa *História imparcial da Igreja*, ele foi obrigado a abandonar sua função de professor universitário. Ele chegou até a afirmar que a pior das calamidades na História da Igreja de Roma tinha sido sua fundação propriamente dita, sem esquecermos seu reconhecimento pelo imperador Constantino – ora, aí está algo que teria sido melhor calar, levando-se em conta que ele era doutor da Igreja!

A GNOSIS CRISTÃ Depois de Arnold, veio Ferdinand Christian Bauer (teólogo alemão, falecido em 1860) que, assim como Hegel, Schelling e Hölderlin, terminou seus estudos no Tübinger Stift, seminário evangélico de Tübingen.

Por sua vez, Bauer elaborou, em 1835, uma impressionante história da cultura: *Die Christliche Gnosis* (A Gnosis cristã). Nessa obra, o autor chama os idealistas cristãos, como Boehme, e até mesmo Hegel, de “herdeiros da antiga Gnosis cristã”. O autor seguinte foi Charles William King, com seu livro *The Gnostics and their Remains* (Os gnósticos e seus remanescentes), datado de 1864. Para ele, o gnosticismo tinha suas raízes no budismo. Também Madame Blavatsky refere-se a esse livro.

Outro grande trabalho no âmbito dos estudos da Gnosis, que seria muito importante para Jung, foi o livro de Georg Friedrich Creuzer, *Symbolik und Mythologie der antike Völker* (Simbolismo e mitologia dos povos antigos),



GEORGE STOWE MEAD,
O PRIMEIRO GNÓSTICO MODERNO

publicado entre 1810 e 1812, e que trazia informações principalmente sobre os cultos greco-romanos dos mistérios.

Precisamos admitir que, apesar de serem excelentes historiadores da Gnosis e de tudo o que a ela se assemelha, não podemos chamá-los de gnósticos somente por essa razão.

LIVROS SAGRADOS DO ORIENTE Foi somente no final do século 20 que a verdadeira pesquisa científica tomou impulso. A partir desse momento, as religiões foram tratadas sob o ângulo fenomenológico*, inclusive religiões orientais, pré-cristãs e não cristãs.

Nessa época, inúmeros textos do Oriente, como os *Vedas* e os *Upanishads* foram traduzidos pela primeira vez e acompanhados de comentários. Alguns nomes se destacaram: F. Max Müller e sua série monumental *Sacred Books of the East* (Livros sagrados do Oriente); Karl Eugen Neumann, que foi o primeiro a traduzir do dialeto pali os textos budistas; Paul Deussen, que, além de ter escrito uma biografia de Boehme, é o autor de uma sublime *História Geral da Filosofia*, obra na qual tanto a filosofia ocidental como a oriental têm seu devido lugar. Deussen era amigo íntimo de Friedrich Nietzsche, que ousou aventurar-se nos mistérios dionisiacos e, além disso, escreveu a obra-prima *Assim falava Zarathustra*. Tudo isso aconteceu em uma época em que se estudava a História das Religiões e tentava-se cartografar sua origem e a relação entre elas. Citemos Wilhelm Bousset e seu livro

Hauptprobleme der Gnosis (Problemas fundamentais da Gnosis); Richard Reitzenstein, conhecido pela publicação do livro *Poimandres*; o belga Franz Cumont e o alemão Albrecht Dieterich que, juntos, estudaram *Os Mistérios de Mitra*, uma obra na qual Mead se inspirou para seus *Ecos da Gnosis*. Poderíamos citar, ainda, muitos outros pesquisadores, como Hans Leisegang, Kurt Rudolph, mas a lista seria tão longa que resolvemos parar por aqui. Ainda uma vez teremos de dizer: são eruditos, especialistas em Gnosis, mas continua a questão – será que eles realmente conhecem bem os gnósticos? Foi por isso que Mead, em seu livro *Ecos da Gnosis* afirmou que não tem inclinação para utilizar o método “historicizante” desses autores: “Apesar de o método deles ser excelente, em geral o hábito dos adeptos da escola alemã (da História das Religiões) é ficarem satisfeitos em detectar as características das principais doutrinas e elementos semelhantes no interior das tradições anteriores. E eles se felicitam por poderem esclarecer as chamadas ‘fontes’ e modelos... Obviamente, isso é tudo a que os defensores rigorosos da objetividade pura podem ter acesso”.

A GNOSIS DIZ RESPEITO À ALMA Já não podemos deixar de revelar ao leitor o que realmente interessava a Mead e até que ponto seu olhar era diferente dos outros autores: “Ora, a cada dia torna-se mais evidente que inúmeras doutrinas que os pesquisadores supunham poder demonstrar derivarem de dogmatismos

A Gnosis diz respeito à alma e somente pode ser compreendida no campo da alma. Quanto à inteligência, ela trata de outras coisas

anteriores que na verdade surgiram de forma independente umas das outras, como resultado do desenvolvimento natural da alma e de seu poder de reflexão – o que significa que sua fonte é subjetiva e não objetiva”.

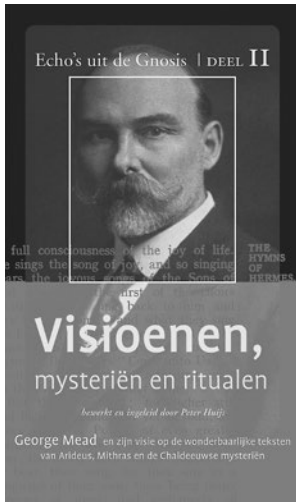
Digamos, de passagem, que foi principalmente nos círculos maçônicos que houve grande interesse pela cultura egípcia e também pelo antigo mundo dos mistérios. Nesse meio, a compreensão ia um pouco mais além do que no círculo acadêmico e científico.

O belga Eugène Goblet d’Aviella publicou, em 1903, o livro *Eleusina*, a respeito de alguns problemas relativos aos mistérios de Elêusis.

A ORIGEM DO EVANGELHO É TEOSÓFICA Na Holanda, um especialista, B. J. van der Zuylen, publicou uma obra sintética sobre *Mistérios e iniciações na antiguidade*, e Karel Hendrik de Jong, da universidade de Leiden, interessou-se pelos mistérios antigos; além disso, ele baseou-se em muitos aspectos na literatura teosófica disponível na época. Ainda no início do século 20, surgiu um memorável hegeliano, o professor holandês Bolland, especializado no estudo da sabedoria alexandrina e sua influência sobre a Bíblia cristã. Em seu livreto *O Evangelho*, ele afirmou resolutamente que a origem do Evangelho era de ordem teosófica, em relação aos mistérios órficos.

Na Holanda, houve uma ligação direta, a princípio entre os professores Bolland e Piet Hendrix, que soube por Bolland a respeito da existência dos gnósticos – e aprendeu tão bem que elaborou sua tese sobre Basilides; em seguida, também houve ligação entre o professor Quispel, aluno de Piet Hendrix, e Roelof van den Broek, que o sucedeu. W. Otterspeer escreveu uma magnífica biografia de Bolland, que pode ser lida como um conto moderno. Ao lê-la, sabemos que o moralista e influente Bolland estava longe de ser um santo, ou um gnóstico, e que ele não hesitava em colocar as sacrossantas tradições de pernas para o ar. Ora, essas tradições da Igreja formavam uma coluna-mestra inabalável há alguns séculos.

CONTAMINAÇÃO? Desde o luterano Adolf von Harnack prevalecia, entre os teólogos, a ideia segundo a qual o gnosticismo era uma heresia cristã e um perigo para a verdadeira fé. Nesses meios, os estudiosos preferiam falar mais a respeito do gnosticismo do que a respeito da Gnosis. Harnack afirmava que se tratava de uma helenização excessiva do cristianismo – uma última resistência originária do mundo antigo – que ameaçava gravemente sua pureza. Essa advertência era compartilhada pelo teólogo R. Bultmann, que via o



movimento gnóstico e sua filosofia greco-helenista como uma contaminação da verdadeira fé – e isso a partir da segunda metade do século. Essa posição ficou cada vez mais difícil de ser defendida quando pessoas como H. M. Schenke constataram que o pensamento gnóstico havia surgido, muito provavelmente, na mesma época que o cristianismo, ou até mesmo um pouco antes.

Com o passar do tempo, foi ficando impossível deixar de observar os inúmeros elementos gnósticos contidos até mesmo no Novo Testamento. Em 1958, certo R. Wilson, em uma obra que já a partir do título – *O problema gnóstico* – alegava que essa “heresia pérfida” tentou eclipsar a mensagem essencial do Evangelho, já na época em que foi escrito. Exegetas como ele tinham a certeza de que o gnosticismo não era de origem cristã, mas somente um desenvolvimento de crenças pagãs.

OPOSIÇÃO É óbvio que uma pesquisa que saísse em busca da Gnosis de forma aberta e sem preconceitos era muito difícil, pois o modo de ver do “vencedor” continuava a ser a única diferença. E esse era ainda o caso de pessoas como o holandês Van Unnik, que, com Quispel, estudou *O Evangelho da Verdade*. Para os estudos dos manuscritos de Qumrân,

houve realmente um problema: eles foram entregues ao Padre católico De Vaux. Em revanche, Hans Jonas, aluno de Martin Heidegger, conseguiu aprofundar-se melhor na herança dos gnósticos que, assim como os existencialistas modernos, sofriam por estar longe de uma unidade vivida em âmbito mais amplo. H. Jonas queria chegar a uma interpretação existencialista do gnosticismo. Ele também fez uma tentativa meritória de realizar uma leitura “gnóstica” do existencialismo. Para sua surpresa, isso lhe trouxe uma visão completamente nova a respeito da “moderníssima filosofia gnóstica e sua visão do mundo”. No entanto, ele também continuou, como seus colegas, a estudar a Gnosis como fenômeno histórico-temporal, e com certeza não poderia ser considerado um gnóstico. Além disso, essa seria a última qualificação com a qual os estudiosos de Ciências da Religião desejariam ser tratados. ♣

Continua

* “Fenomenológico: o que se atém ao fenômeno, ou seja, ao dado imediato da experiência” (Paul Foulquié). “No fundo, a fenomenologia nasceu desde o momento em que, colocando a questão do ser – provisória e definitivamente – trata-se como um problema autônomo a maneira como as coisas se apresentam.” (Paul Ricoeur)

UM EXERCÍCIO INCOMUM DO PENSAMENTO



libertar-se do pensamento racional

O ato de pensar é um dos processos mais íntimos que ocorrem em nós. Mas será que o mundo do pensamento corresponde verdadeiramente àquilo que somos? Será que não somos tão-somente a representação fictícia que fazemos de nossa personalidade corpórea?

Somos capazes de compreender nossa própria linguagem, nossas concepções, nossas metáforas; já por outro lado, tudo isso é bem mais difícil quando se trata de outra pessoa. Então, para podermos comunicar nossas metáforas comuns, tivemos de criar um consenso. Com o tempo, esse fenômeno tornou-se tão costumeiro que permanecemos, de modo quase automático, encerrados no círculo de nossos esquemas mentais. Portanto, não é tanto o pensamento que nos impõe limites, mas sim nosso modo de pensar habitual. Para criarmos imagens, a memória e as velhas representações desenvolvidas no passado nos bastam. Resultado: esse modo cerebral de pensar nos mantém presos a esse mundo interno. Dentro desse mundo do pensamento, com nossa consciência racional ligada ao corpo, nos sentimos mestres e senhores da ideia, de nosso corpo e da natureza que nos cerca. Mas será que isso corresponde verdadeiramente à realidade? Será que não somos tão somente a representação fictícia que fazemos de nossa personalidade corpórea?

EXAME Mas será que, enquanto estamos analisando nossas vidas, podemos vivê-la diretamente, conforme ela vai acontecendo? Essa vida efervescente, em constante mudança, é espontânea e provê todas as nossas necessidades. Contudo, seu fluxo permanece fora do alcance da consciência racional, que tende a manter tudo sob controle. Quaisquer que sejam as construções mentais que essa consciência conserve com relação à vida, na realidade não

a está observando – mesmo que acredite estar fazendo isso. Quando examinamos a situação dessa experiência imediata da vida, atingimos os limites de nosso pensar – o que abala a base da representação que fazemos do mundo. Mas será que isso abala nosso ser? Para determinar o resultado desse exame, precisamos saber quem ou o quê está empreendendo essa investigação, pois aquilo que em nós encontra a verdade é algo diferente do eu, que é prisioneiro de seu mundo e de seu modo de pensar. Por mais útil que seja o pensar, se sua única referência é o eu, e se, portanto, ele está desligado de sua fonte essencial, não se pode confiar em sua noção de verdade. O mesmo é válido para o autoconhecimento. Por mais exato que seja, de certo ponto de vista, ele não é menos dependente desse pensar restrito. Se reconhecermos isso, conseguiremos fazer a justa distinção entre o eu e seu laborioso uso do pensamento racional e aquilo que, em nosso interior, ultrapassa esse pensar. A partir desse momento, revela-se aquilo que é digno de ser considerado verdade. À luz do que precede, compreendemos que há tempos tivemos de deslocar nossa atenção da consciência autêntica para o corpo e seu poder cerebral. Compreendemos que essa identificação gerou uma consciência cerebral separada, limitada – útil, sem dúvida, para as experiências da vida, porém não para o objetivo final de nosso ser. Somente pode acontecer uma abertura quando a consciência-eu mergulha em seu mundo. É então que nossa atenção se eleva em uma consciência pura, e daí lançamos

Nos dias atuais, chocamo-nos cada vez mais contra os limites.

Podemos observar como a religião, a arte e o pensamento científico apresentaram resultados impressionantes, sem contudo oferecer-nos qualquer resposta à questão do que seja verdadeiro. O cientista, por exemplo, está em geral orientado para um objeto, pois, em suas pesquisas, rejeita toda subjetividade. Com seu “cérebro de pesquisador”, ele se serve de uma metodologia em que as coisas são examinadas fora de seu contexto; somente um limitado número de critérios é utilizado. Em sua *Philosophie des Als Ob*, (Filosofia dos como e se) um livro esquecido, datado de 1911, Hans Vaihinger afirma que o pensamento é incapaz de sondar a verdade: ele nada pode criar além de ficção.

Prometeu – aquele que é previdente, que pensa com antecedência

Epimeteu – Aquele que reflete depois da ação, aquele que pensa muito tarde

um olhar livre para o ego e suas limitações. A primeira coisa que a atenção observa nesse momento é que o pensar, tal como funciona em geral, equivale a evitar a verdade, a fugir dela por meio do ego.

Quando chegamos a esse ponto de nosso exame, dizemos que, quando muito, descobrimos um traço da verdade, uma semiverdade. O aspecto positivo disso é que a resistência do eu a essa verdade fornece uma vivência de si mesmo e de um mundo mais amplo. Ainda que essa situação particular aconteça no interior de seu mundo vivencial, o pensador não é o Ser essencial. Porém, ele não pode perceber isso por meio do seu pensar cerebral limitativo, pelo simples fato de que o pensamento não possui energia própria. Essa vida de pensamentos recebe apenas uma energia limitada da pura consciência.

Portanto, a razão produz uma forma de consciência que é tão-somente um derivado da consciência pura. Poderíamos dizer que a razão é um pensamento que pensa, porém de maneira errada, devido à identificação da consciência

com a personalidade, que lhe dá a ilusão de que a personalidade tem existência própria. Quando dizemos que a razão é o pensador, e que ela mesma é um pensamento, isso não significa que ela seja criadora de pensamentos. A ilusão é justamente esta: achar que ela pode pensar. De fato, a razão não para de reformular e reorganizar os pensamentos e as interpretações já existentes, porém, nem por isso ela é autocriadora. A verdadeira fonte dos pensamentos situa-se, em realidade, na consciência. Essa é a razão pela qual sempre pensamos sobre algo, mas nunca a partir desse algo. Pensar “sobre algo” significa que não somos esse algo, que existe uma distância, uma dualidade. Isso nada mais é que rubricar e colocar a inspiração original num banco de dados existente, dando-lhe sentido e importância no espaço e no tempo. Isso constitui inevitavelmente um fator de retardamento e de cristalização na corrente espontânea da vida. Pelo fato de ser uma função da consciência voltada para a matéria grosseira, a razão registra somente o fato de algo acontecer e o modo como acontece. A razão não



pode prever como algo deve acontecer – afinal, o modo como algo acontece pertence somente ao domínio da consciência.


O cérebro não tem condição de criar diretamente. Para conseguir ter uma atividade mental separada da consciência, ele precisa retirar sua energia do cerebelo. O fato de ter de utilizar a energia proveniente de outro centro explica o motivo pelo qual nos sentimos tão cansados, a ponto de perdermos o equilíbrio pelo simples ato de pensar.

O DESAFIO DE UM CÉREBRO TRANSPARENTE

Entretanto, o cérebro dispõe de outro poder: ele pode ser um receptor transparente, um espelho, para a luz da pura consciência! Na matéria, pode-se falar de “um pensador anterior ao pensador”, isto é, de uma percepção direta na fonte do Universo, no livro do Espírito divino. O que aqui se manifesta é Manas, o Pensador. Não se trata do pensador que “pensa que pensa”. A identificação com o eu está ausente, tanto no pensar quanto no sentir. Quando todo ruído e agitação da atividade mental desaparece, liberando espaço no núcleo do coração e sua pura consciência, esta pode manifestar-se, silenciosamente, na cabeça. A percepção dessa consciência silenciosa da alma revela a fonte, a pura sabedoria do Ser. A alma e a fonte tornam-se essencialmente unidas nesse casamento místico. É como um inflamar do fogo do entendimento abstrato entre o espelho virgem da consciência silenciosa e o espelho virgem do Ser incognoscível. Assim, com sua inspiração, o fogo do entendimento

procedente dessa misteriosa união ilumina a razão, que já se encontra em paz.

REALIZAÇÃO Qualificamos essa realização ou união de “misteriosa” porque se trata de algo indescritível. Essa ideia pode, no máximo, ser transmitida à pessoa que se abre para ela. Para a consciência racional, o divino é um vazio, um nada; a razão não tem acesso a ele, enquanto para a pura consciência tudo é límpido. Para uma consciência limitada, que não cessa de criar imagens, todas as descrições que possam ser feitas a respeito dessa ideia abstrata sempre parecerão contraditórias. A razão sempre se pergunta o que significa “realização do Ser”, já que a pura consciência é, era e sempre será. De fato, ela é por toda a eternidade. Nada, nem o nascimento nem a morte de uma pessoa, pode atingi-la, embora ela consiga se expressar de maneira extremamente limitada em sua vida material. Assim, o ilimitado experimenta a limitação, por meio da personalidade, na dualidade espaço-tempo. Concluindo: é preciso compreender que não é tanto o Ser essencial que tem de ser libertado – pois fundamentalmente ele é livre de tudo – mas que ele pode se desenvolver e se expandir no homem que se deixa transformar por esse processo. No decorrer do processo de transformação, a pura consciência se expressa como nova alma no âmago da personalidade, livre das limitações da consciência racional. E, quando a pessoa participa dessa transformação, a pura consciência pode se libertar dessa limitação.

A black and white photograph of a tree branch with a bird in flight. The tree branch is dark and silhouetted against a light background. The bird is in flight, positioned in the lower right quadrant of the image. The leaves of the tree are also silhouetted, creating a delicate, lace-like pattern. The overall composition is minimalist and artistic.

E a razão comum? Será que não corremos o risco de perdê-la, quando o balão inflado do pensamento for furado? De modo algum, pois, muito embora não possua o poder sutil do pensamento, ela conserva uma função preciosa e continua sendo um instrumento de trabalho. O pensamento racional pode continuar funcionando para reagir às coisas e acontecimentos. Só que ele já não é determinante e limitativo: a partir de então, ele está livre de si mesmo, porque já não nos identificamos com ele. Por isso mesmo, ele já não oculta a pura consciência. Ele está apaziguado e, como expressão do Ser, encontrou sua real vocação. ✪

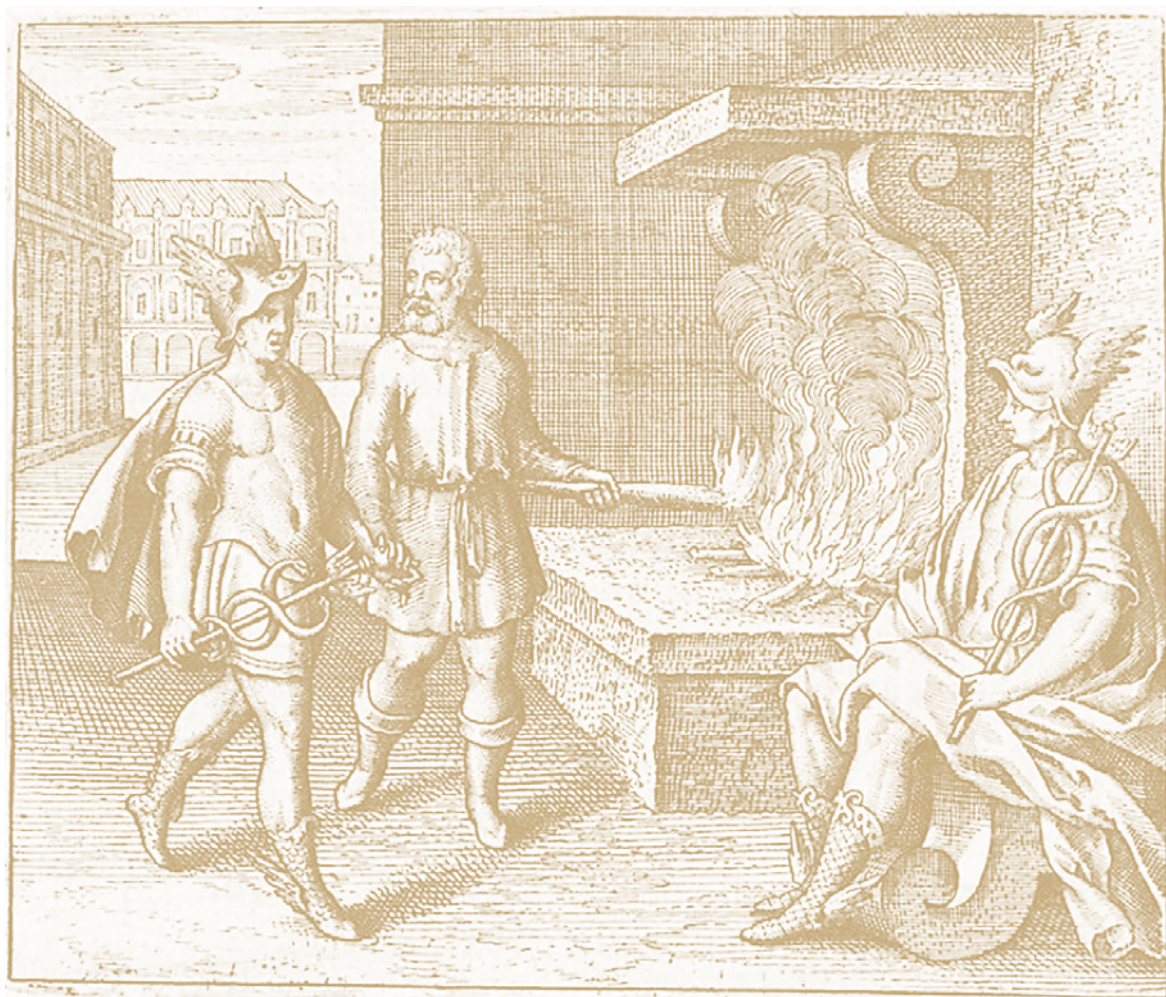


A SÉTIMA RECEITA. A rosa doa seu mel às abelhas

Esta receita alquímica é extraída de *Summum Bonum* (O Bem Supremo), um texto que data do século XVII, de Robert Fludd (1574-1637). Uma rosa com sete vezes sete pétalas floresce sobre um galho em forma de cruz.

Desde os tempos mais remotos, a rosa tem sido o símbolo do amor cuja essência é “doar”, tal como o exprimem as palavras: *Dat rosa mel apibus*, ou, “a rosa doa seu mel às abelhas”.

A rosa tem suas pétalas amplamente abertas, e as abelhas que vão e vêm retiram de seu coração o precioso néctar. Elas constroem uma rede em sua colmeia, que podemos ver à direita da rosa, colmeias de ouro nas quais armazenam o suco melífero. As abelhas não buscam o néctar para si próprias: elas o transformam em mel – alimento e material de construção para muitos. O amor cresce ao se doar. À esquerda da rosa pode-se ver o inverso: a aranha que tece sua teia para envolver e vampirizar, para si própria, tudo o que se enrosca em seu fio. A rosa é o símbolo do amor mais sublime. Cristo é a rosa das rosas, que dá seu sangue e desabrocha no coração da cruz, na encruzilhada dos caminhos, onde Deus e o homem se encontram. À semelhança da rosa, que oferece o néctar às abelhas, Cristo oferece o sangue de seu coração a todos os homens: ele libera para todos e em todos o poder do amor.



A NONA RECEITA. Para produzir mercúrio, é necessário mercúrio

A totalidade do cosmo pode ser reduzida, em cada átomo, a uma única respiração do divino: “tudo receber, tudo abandonar e assim, tudo renovar”. Hermes é o protetor dos ladrões e dos viajantes e, também, o mensageiro dos deuses e o deus da cura; além disso, ele é o bufão astucioso e o sábio demolidor das estruturas férreas nas quais a humanidade se encontra travada. Mercúrio, o corretor, faz-nos tomar consciência das estratégias e modelos de sobrevivência, bem como das experiências corpóreas não desejáveis, das emoções e das enfermidades em nossa constituição física. Todas essas coisas são os ladrões e os viajantes que atraímos quando nos extraviamos no caminho, dos quais Mercúrio nos protege. Os sinais enviados por Mercúrio podem ser observados no nível mais sutil, no éter nervoso, o mais volátil dos éteres, mas também o mais sensível. Enquanto Mercúrio divino, ele nos faz difundir a mensagem divina. Os dois aspectos de Mercúrio se unem por meio do caduceu e do fogo de Asclépio. Com sua visão relativista, no que concerne à sua pessoa, o alquimista devotado trabalha, intrépido e resoluto, com humildade: ele se alegra no silêncio interior que acalma o éter nervoso.

A **Pentagrama Publicações** apresenta seu novo lançamento:



O único necessário

de J.A. Comenius

O grande educador Comenius foi também filósofo, teólogo e, sobretudo, um sábio. Nesse livro, seu testamento espiritual, ele indica o caminho de volta da multiplicidade à unidade, a Deus, ao essencial. Escrito em 1668 de forma clara e direta, é um livro muito atual, que ensina a distinguir o superfluo do útil e este do que é imprescindível.

R\$35,00

J. A. Komenský

www.facebook.com/pentagramapublicacoes


Pentagrama
Publicações

- Trazer luz à escuridão é um tema recorrente na alquimia. Quando se trata da luz, consciente e subconsciente se fundem e formam uma nova unidade, aberta, transparente, invulnerável. Então acha-se a pedra filosofal, o elemento de outra natureza, no microcosmo, no cosmo e no macrocosmo.

Aí está o laboratório alquímico – de todas as épocas. Nele, o alquimista separa cuidadosamente o puro do impuro, o pesado do leve, e dessa maneira liberta novamente a força ativa ou operante, a quintessência. Esse é o éter de fogo, do qual os antigos falavam – o quinto elemento, o material de construção imortal do Novo Homem.

